

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A PARENTALIDADE NAS FAMÍLIAS RECONSTITUÍDAS E
INTACTAS: ESTILOS PARENTAIS, AJUSTAMENTO
PSICOLÓGICO PARENTAL E ATRIBUIÇÕES PARENTAIS**

Marta Leal Vieira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2018

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A PARENTALIDADE NAS FAMÍLIAS RECONSTITUÍDAS E
INTACTAS: ESTILOS PARENTAIS, AJUSTAMENTO
PSICOLÓGICO PARENTAL E ATRIBUIÇÕES PARENTAIS**

Marta Leal Vieira

Dissertação orientada pela Professora Doutora Luana Cunha Ferreira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2018

Agradecimentos

À Professora Doutora Luana Cunha Ferreira por ser uma inspiração com o conhecimento que partilhou comigo e pelo seu percurso profissional, mesmo sem o saber. E por me orientar e guiar através da sua disciplina, ética de trabalho, rigor e perfeccionismo.

Aos meus pais por me acompanharem, desde o primeiro dia de escola até aqui, e por apoiarem as minhas decisões: ao meu pai por ser um exemplo incansável de que o trabalho e esforço constante compensam e à minha mãe por me passar a sua criatividade e sensibilidade às quais também recorri neste trabalho.

Às minhas grandes amigas por toda a ternura, conforto, disponibilidade e humor com que sabem lidar comigo desde há anos e que me fortalece de cada vez que estamos juntas.

Ao Luís por ser um lugar seguro e cheio de amor para onde posso voltar sempre. A sua calma e carinho inesgotável ajudam-me a enfrentar cada desafio novo que surge.

À Inês por me reensinar a não desistir e por acreditar em mim, muito mais que eu mesma. A sua presença foi fundamental.

À minha família por todo o incentivo e apoio em palavras ou em gestos.

Às minhas amigas da faculdade pela partilha de dúvidas e anseios e presença constante.

À Alexandra pela imensa disponibilidade e por fazer tudo com o coração.

À Mariana que me deu uma ajuda preciosa no mundo da estatística, um momento de maior desespero.

À Cristina pelas palavras de cuidado e por me emprestar a sua casa, onde trabalhei tantas vezes.

A todos os participantes e pessoas que, de alguma forma, estiveram envolvidos na recolha da amostra por me darem uma das coisas mais importantes que têm: o seu tempo. E também por confiarem e partilharem aspetos da sua vida íntima em prol desta investigação.

À Faculdade enquanto instituição de ensino por ter sido a minha casa durante todos estes anos, bem como a todos os colegas e professores que passaram no meu caminho.

Índice

1. Introdução.....	1
2. Enquadramento Teórico.....	2
2.1. <i>Estilos parentais</i>	6
2.2. <i>Ajustamento psicológico parental</i>	9
2.3. <i>Atribuições parentais</i>	12
3. Método.....	17
3.1. Participantes	17
3.2. <i>Procedimento</i>	18
3.3. <i>Variáveis e instrumentos</i>	19
3.4. <i>Análise estatística</i>	21
4. Resultados	22
4.1 <i>Comparação de médias</i>	22
4.2 <i>Análise de correlações</i>	32
4.3. <i>Análise de regressões</i>	35
5. Discussão	44
5.1. <i>Limites e direções futuras</i>	49
6. Conclusão	52
Referências bibliográficas.....	54

Anexos:

Anexo A – Consentimento Informado

Anexo B – Protocolo de Investigação

Lista de Tabelas e Figuras

Tabela 1 – Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função do sexo para os participantes de famílias intactas.

Tabela 2 – Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função do sexo para os participantes de famílias reconstituídas.

Tabela 3 – Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função da configuração familiar do participante para o sexo masculino.

Tabela 4 – Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função da configuração familiar do participante para o sexo feminino.

Tabela 5 – Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função do sexo para o filho alvo (biológicos/adotados).

Tabela 6 – Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função do sexo para o filho alvo (enteados).

Tabela 7 – Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função da configuração familiar do filho alvo para o sexo masculino.

Tabela 8 – Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função da configuração familiar do filho alvo para o sexo feminino.

Tabela 9 – Matriz de correlações entre as variáveis em estudo na amostra de pais intactos.

Tabela 10 – Matriz de correlações entre as variáveis em estudo na amostra de pais por conjugalidade

Tabela 11 – Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Hostilidade.

Tabela 12 – Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Ansiedade.

Tabela 13 – Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Depressão.

Tabela 14 – Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Hostilidade.

Tabela 15 – Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Ansiedade.

Tabela 16 – Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Depressão.

Figura 1 – Mapa da amostra em diagrama

Figura 2 – Mapa conceitual das variáveis do presente estudo

Resumo

A parentalidade por conjugalidade é uma realidade das famílias reconstituídas e torna-se cada vez mais comum na conjuntura das sociedades atuais. Quer-se com esta investigação estudar padrastos e madrastas no contexto português, de um ponto de vista individual, mas tentando uma visão sistémica sobre as relações familiares. Assim, procura-se compreender a relação entre as variáveis estilos parentais, ajustamento psicológico e atribuições parentais, bem como as diferenças entre pais por conjugalidade e pais em famílias intactas. São ainda analisadas diferenças de sexo dos pais e dos filhos alvo. A amostra é constituída por 192 participantes, sendo que 148 pertencem a famílias intactas e 44 pertencem a famílias reconstituídas. A idade dos filhos dos participantes variou entre os 6 e os 12 anos de idade. Relativamente aos instrumentos de investigação utilizou-se, para além de um questionário sociodemográfico, o *Questionário de Dimensões e Estilos Parentais* – QDEP, o *Parent Cognition Scale* – PCS, e o *Brief Symptom Inventory* – BSI. Os resultados mostram que existem diferenças quanto aos estilos parentais dos pais por conjugalidade e pais de famílias intactas, pelo que estes últimos parecem ter níveis de parentalidade positiva mais elevados que os primeiros. Encontraram-se igualmente diferenças quanto às atribuições parentais para cada uma das amostras, bem como ao tipo de parentalidade em função do sexo da criança ou filiação (filho biológico/adotivo ou enteado). Não foram encontradas, no entanto, diferenças para a variável ajustamento psicológico, quer em função do sexo, quer em função da constituição familiar. Verificou-se também que a variável parentalidade negativa é a que mais contribui para a variância do ajustamento psicológico (ansiedade, depressão, hostilidade) e não o sexo ou constituição familiar. São ainda apresentadas limitações inerentes ao estudo e direções futuras quer no campo da investigação quer para a clínica e comunidade.

Palavras-chave: parentalidade, pais por conjugalidade, famílias reconstituídas, estilos parentais, ajustamento psicológico, atribuições parentais

Abstract

Stepparenting is a reality of blended families and is becoming increasingly common. This study aims to investigate stepfathers and stepmothers on a Portuguese context from an individual point of view, while trying to introduce a systemic view over family relationships. Accordingly, we intend to understand the connection between the different parenting styles, psychological adjustment and parental attributions, as well as the differences between stepparents and parents in intact families. Differences of sex between parents and target children are also considered. The sample is composed by 192 test subjects, of which 148 belong to intact families and the remaining 44 to blended families. Participants' children ages range from 6 to 12 years old. The primary research tools were *Questionário de Dimensões e Estilos Parentais* – QDEP, *Parent Cognition Scale* – PCS and *Brief Symptom Inventory* – BSI, as well as a sociodemographic survey. The results show that differences between parenting styles from stepfamilies and intact families exist, the latter showing higher levels of positive parenting. Differences can also be found in what concerns parental attributions from each sample, and regarding the type of parenting based on the sex or filiation (biological/adopted or stepchild) of the child. However, no differences were found on the psychological adjustment variable, regarding either sex or family constitution. Furthermore, it was concluded that the variable negative parenting is the largest contributor to the psychological adjustment variance (anxiety, depression, hostility), not sex or family constitution. Inherent limitations to this study are pointed out, as well as prospects of further investigation, clinical and community value.

Key-words: parenthood, stepparents, blended families, parenting styles, psychological adjustment, parental attributions.

1. Introdução

As famílias reconstituídas, seja por situação de casamento ou união de fato constituem um cenário cada vez mais comum na sociedade contemporânea, tanto no contexto nacional (Ataleia, 2014; Delgado & Wall, 2014; INE, 2015; Lobo & Conceição 2003) como internacional (Cartwright, 2010; Chiappori & Weiss, 2006; Leme, Marturano, & Fontaine, 2014; Shehan, 2016). Este campo de investigação pode ser examinado ao nível familiar, conjugal, parental ou individual, tanto na perspectiva do adulto como da criança, sendo pertinente, do ponto de vista psicológico, estudar os intervenientes aqui presentes. Desde modo, apesar de, inicialmente, a literatura se focar nas variáveis ligadas às crianças envolvidas (van Eeden-Moorefield, & Pasley, 2013), cada vez mais se procura estudar os pais por conjugalidade, sendo esta uma lacuna notória deste campo de investigação.

Assim, neste estudo, pretende-se compreender a relação entre as variáveis psicológicas: Estilos Parentais, Atribuições Parentais e Ajustamento Psicológico Parental nos padrastos/madrastas, bem como uma comparação com os pais/mães das famílias intactas. Apesar de a literatura já ter relacionado estas variáveis, não foram identificados estudos no contexto do recasamento.

A presente Dissertação encontra-se dividida nas seguintes secções distintas: o Enquadramento Teórico, onde é feita uma revisão aprofundada da literatura sobre a temática em questão; o Método, onde são apresentados os participantes, é dado a conhecer o procedimento e são expostas as variáveis estudadas e instrumentos aplicados, bem como uma descrição breve da análise estatística realizada; os Resultados, onde é feita a apresentação da análise pormenorizada dos dados; e, por fim, a Discussão, onde é realizada uma reflexão final e enquadramento dos resultados com a literatura vigente. Nesta secção, inclui-se ainda um espaço para a apresentação de Limitações e Direções Futuras do estudo realizado, bem como as implicações que daqui advém para a prática clínica e comunitária.

2. Enquadramento Teórico

Os sistemas familiares têm sido fortemente afetados, no seu todo, pelas mudanças demográficas a que a sociedade ocidental assistiu, nas últimas décadas (Boyle, Feijten, Feng, Gayle, & Graham, 2009; Coleman, Ganong, & Warzinic, 2007; Parker, 2011; Wise, 2003). Dados europeus (Eurostat, 2016) apontam para uma diminuição dos casamentos e aumento dos divórcios. Os recasamentos, por sua vez, têm registado uma maior taxa de divórcio do que os primeiros casamentos (Lobo & Conceição, 2003; Teachman, 2008). Assim, às famílias tradicionais (nucleares ou intactas) juntam-se, cada vez mais, outras formas de família, como é o caso das famílias reconstituídas. Pelo seu aumento (Bumpass, Raley, & Sweet, 1995; Hoghughi & Long, 1988, Papernow, 2013) e especificidades, estas têm vindo a chamar a atenção, quer do público em geral, quer e das comunidades científicas (Hetherington, 2014). Apesar deste interesse científico, nos últimos anos, e mesmo com uma grande evolução no campo de pesquisa, continua a ser um âmbito de estudo atual pela existência de várias áreas por explorar, tais como os recursos protetores destas famílias e a pertinência de estudos longitudinais (Coleman, Ganong, & Fine, 2000). Importa também estudar a influência de variáveis individuais associadas ao papel de padrasto/madrasta. O presente estudo visa contribuir para o aprofundamento da compreensão sobre a parentalidade nas famílias reconstituídas, através da análise da relação entre estilos parentais, ajustamento psicológico parental e atribuições parentais.

Estas famílias são frequentemente designadas na literatura internacional por *stepfamilies*, mas também por *remarried families*, *reconstituted families*, *blended families*, *bi-nuclear families* ou *Two-fams*. Por sua vez, na literatura científica relativa à população portuguesa, as designações mais frequentes para as famílias por recasamento ou re-união são reconstituídas, reconstruídas ou reestruturadas, mas também reorganizadas, recompostas, refeitas ou mistas. Uma família reconstituída define-se por ser um lar com casal adulto e pelo menos o filho de um deles, resultado de uma relação anterior (Ganong & Coleman, 2004; Hoghughi & Long, 1988; Jensen, Shafer, & Holmes, 2017)). Tratam-se de famílias que não são intactas, quer no sentido biológico, quer no estrutural. Também Gonzales (2009) apresenta a sua definição caracterizando estas famílias como um sistema familiar, constituído quer por um casal (resultante de um recasamento ou de uma (re)coabitação), quer por crianças de relações anteriores. Se procurássemos na história, chegaríamos à conclusão que estas famílias sempre existiram,

no entanto, antes formavam-se maioritariamente como resultado da morte de um dos cônjuges e hoje em dia é mais comum surgirem como consequência de um divórcio (Hoghugh & Long, 1988; Lobo, 2005; Riness & Sailor, 2015; Turunen, 2014).

Geralmente, depois de um processo de transição conjugal, o tempo médio que uma família demora a estabilizar tem sido apontado como próximo dos dois anos, tendo em conta que as mudanças ocorridas nesta dinâmica familiar requerem uma adaptação tanto por parte do casal como das crianças (Ganong & Coleman, 2004). Clapp (2000) avança mesmo para um tempo médio entre 2 e 7 anos para este ajustamento familiar. Posto isto, as famílias reconstituídas complexificam-se mais do que as nucleares (Ganong & Coleman, 2004), por exemplo, em áreas fundamentais como o funcionamento, a organização e mesmo os múltiplos relacionamentos que as constituem (Hetherington & Jodl, 1994). Esta complexidade implica novas fontes de tensão, para além das que seriam expectáveis numa família intacta, podendo ter um impacto bastante negativo na saúde da família reconstituída (Boyle, Feijten, Feng, Gayle, & Graham, 2009; Mobley, 2011). Assim, a reconstituição familiar coloca desafios a todos os membros envolvidos: são mudanças de papéis, relações e a construção de uma nova dinâmica familiar (Hetherington & Jodl, 1994).

As famílias reconstituídas possuem, no entanto, recursos específicos e a investigação sugere que têm potencial para se tornarem ambientes robustos e saudáveis para os seus membros (e.g., Hoghugh & Long, 1988; Hetherington, 1999; Kellas et al., 2014) com fatores de resiliência associados, tais como terem experiências prévias com a oportunidade de lidar eficazmente com situações de grande stress, maturidade social, práticas parentais eficazes e apoio e ao mesmo tempo satisfação marital e familiar (Hetherington, 2014). Por outro lado, os desafios únicos que atravessam poderão originar disfuncionalidades que coloquem em risco a sua união, nomeadamente se estiverem presentes alguns factores de risco como o conflito familiar, conflito parental, stress e dificuldades na relação padrasto/madrastas-enteado(a), problemas referentes ao pai não residente ou mesmo ambiguidade e dificuldade em definir papéis.

A complexidade destas famílias, aliada à falta de linhas orientadoras - quer por parte da sociedade quer por parte do meio científico (Cherlin & Furstenberg, 1994; Hetherington, 2014; Hoghugh & Long, 1988) -, reforça a necessidade da existência de modelos teóricos que ajudem na sua compreensão. No âmbito da psicologia da família, o desenvolvimento de modelos teóricos foca-se sobretudo nas famílias nucleares, não considerando as fases específicas e os desafios únicos das famílias reconstituídas (Kumar,

2017). Segundo o mesmo autor, estas últimas apresentam uma estrutura bastante diferente de uma família nuclear e a existência de uma conceptualização teórica – passível de a enquadrar, descrever e explicar – poderá contribuir para uma posição mais vantajosa da mesma.

Na literatura, são vários os modelos que conceptualizam as diferentes fases de vida da família nuclear. Assim, ao longo do tempo foram sugeridos modelos como o *Family Life Cycle* de Gerson (1995) ou *O Ciclo Vital da Família* projetado por Relvas (1996) - e posteriormente revisto por Alarcão (2000) - que contemplam a família de um ponto de vista tradicional.

O modelo proposto por Gerson (1995) assume que todas as famílias se enquadrariam aqui, passando pelos seguintes estádios: (a) a autonomização do jovem adulto solteiro; (b) a união das famílias através do casamento; (c) as famílias com crianças pequenas; (d) as famílias com adolescentes; (e) a autonomização dos filhos e o seguir em frente; e, finalmente, (f) as famílias na vida adulta (Gerson, 1995; citado por Kumar, 2017). Por sua vez, Relvas (1966) procura retratar a família típica através das seguintes fases: (a) formação do casal; (b) família com filhos pequenos; (c) família com filhos em idade escolar; (d) família com filhos adolescentes; e, por fim, (e) família com filhos adultos (ninho vazio).

As conceptualizações anteriores parecem não responder aos desafios de uma família reconstituída, a qual apresenta uma estrutura e organização distinta de uma família intacta. Reflectir sobre todas as famílias nos parâmetros explicitados anteriormente poderá reforçar a perpetuação de estereótipos sociais, conduzindo à inflexibilidade do próprio sistema (Kumer, 2017).

Tentar aplicar estratégias para ajudar estas famílias, exclusivamente baseadas em sistemas nucleares, poderá ser redutor e eventualmente prejudicar a união da família e as perceções dos seus membros (Papernow, 2015) Também Kumer (2017), a partir de uma revisão integrativa da literatura, propõe a criação de um ciclo vital das famílias reconstituídas, designando-o por *The Blended Family Life Cycle* (BFLC). Este modelo teórico pretende ser bastante útil tanto para o conhecimento da família sobre si mesma, como para os profissionais de saúde que intervêm nesta área, na identificação de necessidades distintas e promoção do seu sucesso.

O modelo BFLC preconiza vários estádios de transição por onde as famílias reconstituídas passariam, de forma a mais facilmente serem bem-sucedidas: (a) separação, divórcio ou morte; (b) estabelecimento de acordos parentais; (c) re-união; (d)

aconselhamento familiar da família pré-reconstituída para consolidar a relação de casal; (e) definição de expectativas e papéis para o novo padrasto/madrasta; (f) fazer com que o padrasto/madrasta conheça o ex-companheiro, se apropriado; (g) fazer com que a criança e o padrasto/madrasta se conheçam; (h) fazer mudanças necessárias aos acordos parentais para acomodar o sistema da família reconstituída; (i) reunião com as crianças para se definirem fronteiras e papéis; (j) coabitação ou casamento; e, por fim, (k) preparação para a possibilidade de entrada de uma nova criança. Este modelo revela-se bastante distinto dos anteriores uma vez que contempla um ciclo vital específico e adaptado às características e necessidades de uma família reconstituída (Kumer, 2017).

Também Papernow (1984, 2015) se debruçou na construção de linhas orientadoras que definam a singularidade destas famílias, propondo o modelo desenvolvimentista *The Stepfamily Cycle*, construído a partir do ponto de vista dos próprios membros da família reconstituída. Este assenta na premissa de que as tarefas de desenvolvimento destas famílias são diferentes daquelas por que passam as famílias biológicas, sendo propostas sete fases do desenvolvimento individual e do sistema familiar: (a) fases iniciais de fantasia, imersão e consciência; (b) fases intermédias de mobilização e ação; e, finalmente (c) fases posteriores de contacto e resolução. Não é condição necessária que a família passe pelas seguintes fases de forma ordenada e precisa. Esta abordagem fenomenológica visa assim o próprio reconhecimento da família sobre a fase em que se encontra (Papernow, 2015).

Em suma, os modelos das famílias reconstituídas procuram dar resposta a uma lacuna que existia na literatura, permitindo uma conceptualização e organização dos temas da vivência familiar numa família reconstituída (Papernow, 1984, 2015). Dentro de uma nova área de estudo, a identificação de uma linguagem comum a estas famílias facilita a intervenção com as mesmas, tanto a nível educacional como terapêutico (Papernow, 2015).

À medida que a estrutura familiar se complexifica, também as relações e as práticas parentais se tornam mais complexas e menos intuitivas (Hoghugh & Long, 2004). Deste modo, esta organização conceptual contribui também para o fornecimento de linhas orientadoras que permitirão uma maior facilidade na definição do que é o papel de padrasto/madrasta. De facto, existe um conjunto de desafios e oportunidades específicas associadas a estes membros da família reconstituída (Hetherington, 2014). O mesmo autor define ainda o papel dos pais por conjugalidade como um conjunto de cognições e comportamentos que se referem à forma como o padrasto/madrasta lida com

o seu enteado(a). As dificuldades associadas a este papel, juntamente com os desafios próprios deste tipo de unidade familiar poderão contribuir para um cenário de pouca estabilidade parental (Hetherington, 2014).

Baumrind (1966, 1967, 1971) tem estudado a parentalidade, enfatizando a influência dos pais no desenvolvimento sociocognitivo dos filhos. Esta autora permitiu a compreensão dos padrões educativos parentais, organizando-os em estilos parentais, constructo fundamental no âmbito da investigação sobre parentalidade, como será explorado seguidamente.

2.1. Estilos parentais

Segundo Darling e Steinberg (1993), os estilos parentais representam um conjunto de atitudes dos pais para com os filhos, que se expressam através de comportamentos parentais, num determinado clima emocional. Esta ideia contrasta com o constructo de práticas parentais educativas, em que os comportamentos específicos visam a socialização da criança.

Os estilos parentais permitem perceber de que forma o progenitor demonstra responsividade e afeto para com a criança e, ao mesmo tempo, controlo e exigência (Nicholson, Philips, Peterson & Battistutta, 2002). Esta conceptualização integra, deste modo, tanto aspetos comportamentais (e.g., cumprimento de regras), como afetivos (e.g., necessidades das crianças) na relação pais-filhos. Estas duas dimensões foram identificadas como sendo fulcrais para o desenvolvimento adaptativo, tanto das crianças como dos adolescentes (Fine et al., 1998). A dimensão referente ao apoio e afeto está relacionada com o suporte, a empatia, escuta ativa, o tempo despendido e a comunicação dos pais e filhos; já a dimensão que se refere à disciplina e ao controlo está relacionada com os limites impostos e a monitorização das atividades/comportamentos dos filhos (Pryor & Rodgers, 2001). Níveis mais altos ou mais baixos, nestas duas dimensões emergentes - responsividade (apoio e afeto) e controlo (supervisão e disciplina) (Baumrind, 1971, 1991) - irão dar origem à formação de três estilos parentais: o autoritário, o permissivo e o autoritativo. Em cada estilo estão presentes distintas conceções em termos de valores, práticas e comportamentos parentais (Baumrind, 1991; citado por Bronte-Tinkew, Moore & Carrano, 2006), pelo que diferentes estilos parentais originariam diferenças no grau de competência social de cada criança (Baumrind, 1966).

Neste seguimento, segundo Baumrind (1966), o primeiro estilo seria caracterizado por exigências de maturidade e controlo elevadas e, por sua vez, por uma afetividade e responsividade baixas – Estilo autoritário. Existe um rígido controlo a nível psicológico e bastante intolerância a comportamentos inapropriados. A obediência exigida pode ser favorecida através da punição, ameaça ou mesmo suborno, pelo que estes pais se caracterizam como inflexíveis e críticos. As regras de comportamento não devem ser questionadas e são, normalmente, absolutas. A interação com as crianças é também definida como pouco carinhosa (Baumrind 1966, 1971, 1991).

Por outro lado, o estilo parental permissivo caracteriza-se por baixo controlo e exigência, e afeto e responsividade moderadas ou mesmo elevadas. Estes pais têm uma atitude tolerante face ao comportamento dos filhos, aceitando os seus impulsos e desejos. Evitam a prática da autoridade, bem como a imposição de limites, pelo que as ferramentas disciplinares podem incluir esperar que a criança ceda ou desista do comportamento. A falta de regras e rotinas, bem como a pouca monitorização do comportamento dos filhos, poderá fazer com que sejam os próprios a regular o seu comportamento (Baumrind, 1967, 1971, 1991). Os estilos já apresentados promovem pouca maturidade na criança e a sua forma de comunicação parece ser pouco eficaz (Baumrind, 1967).

Por sua vez, o estilo autoritativo tem sido apresentado como aquele que permite um melhor ajustamento psicossocial, tanto de crianças como de adolescentes (Spera, 2005), por exemplo, associado a melhores resultados escolares. Estes pais demonstram tanto afeto e responsividade elevadas, como controlo e orientação no comportamento dos filhos. Deste modo, são apoiantes e carinhosos mas também exigentes e firmes. As exigências de maturidade conseguem-se quer pela promoção da autonomia e individualidade, quer por explicações do próprio comportamento. Assim, oferecem escolhas, em vez de proferirem ordens, partilhando muitas vezes as razões das decisões tomadas. Os métodos disciplinares são apoiantes, reconhecendo os interesses próprios da criança (Baumrind, 1971). Este comprometimento na educação dos filhos (Baumrind, 1991) permite que as crianças alterem o seu comportamento, o que reforça o comportamento dos pais, enquanto agentes de socialização do filho (Darling & Steinberg, 1993).

Um estudo conduzido por Mobley (2011) procurou compreender, nas famílias reconstituídas, quais as perceções e expectativas dos adultos e das crianças aqui presentes quanto à disciplina e controlo e afeto e suporte que um pai/mãe por conjugalidade deveria ter. Resultados mostram diferenças quanto à perceção dos participantes para o papel de

pai/mãe em relação ao papel de padrasto/madrasta. Tanto para adultos, como para crianças, os pais ideais foram avaliados com níveis maiores de suporte e disciplina, relativamente aos pais por conjugalidade ideais. Ainda neste estudo, as opiniões dividiram-se na posição dos que achavam que pai e pai por conjugalidade deveriam compartilhar o papel parental e dos que pensavam que a primazia da parentalidade deveria ser dada ao primeiro. Resultados no mesmo sentido haviam sido encontrados por Giles-Sims e Finkelhor (1984).

Apesar dos efeitos positivos do estilo autoritativo no ajustamento psicológico das crianças (Pryor & Rodgers, 2001; Spera, 2005; Steinberg, Mounts, Lamborn, & Dornbusch, 1991; Svare et al., 2004), tanto em famílias intactas como recasadas, a probabilidade de um padrasto/madrasta ser autoritativo é menor nas famílias reconstituídas (Hetherington & Kelly, 2002; citado por Cartwright, 2010). Também Hetherington e Jodl (1994) sugerem que o estilo autoritativo é menos provável na parentalidade por recasamento, tanto numa fase inicial, onde existe maior conflito do que nas famílias intactas, como em fases posteriores mais estáveis. No entanto, segundo Papernow (2018) uma parentalidade forte em afetos e moderada em disciplina, caracterizada pelo estilo autoritativo é necessária às crianças. A mesma autora (2008) afirma que quando os pais por conjugalidade são apoiantes e não autoritários, a família tem uma maior probabilidade de ser bem-sucedida. Do mesmo modo que a literatura é clara quanto ao estilo autoritativo, também o é quanto ao estilo autoritário: este estilo, com baixo afeto e alta disciplina, é considerado desadequado para as relações entre os pais por conjugalidade e os seus enteados, não contribuindo adaptativamente para a relação em questão (Bray, 1999; Ganong, Coleman, & Jamison, 2011). Segundo Papernow (2018), na maioria das famílias, os pais apresentam menores níveis de disciplina com as crianças, enquanto que os padrastos tendem a exercer uma parentalidade com base num maior controlo. Os padrastos mostram-se, inicialmente, menos próximos e com uma maior tentativa de controlo do comportamento infantil, comparando com os pais biológicos, independentemente da idade da criança (Hetherington & Jodl, 1994). No entanto, de forma a que a família se desenvolva de um modo saudável, os pais e pais por conjugalidade deverão ajudar-se mutuamente no sentido de encontrar um equilíbrio entre o nível de disciplina/afeto adequados (Papernow, 2018). Por sua vez, as crianças demonstram um maior nível de conflito com as próprias mães do que com as madrastas, o que poderá ser indicador de um maior compromisso emocional. Também as mães reportam mais proximidade e afeto com os próprios filhos do que com os enteados

(Hetherington & Jodl, 1994). Os estilos parentais associados aos pais por conjugalidade, afetam, deste modo, tanto as crianças como os adultos presentes nas famílias reconstituídas. Mais recentemente têm aparecido novos estudos relativamente aos estilos parentais, como é o caso da investigação de Homer (2011) com base na sua experiência clínica com famílias, que procura promover um ajustamento adaptado nas crianças através de uma nova abordagem à parentalidade, com o intuito de intervir em comportamentos de risco, mas sobretudo preveni-los.

A literatura científica assume que os estilos parentais afetam o ajustamento psicológico dos filhos (Pryor & Rodgers, 2001; Svare et al., 2005). No entanto, no presente estudo pretende-se, ao invés, compreender como pode estar associado ao ajustamento psicológico dos pais. Assim, procura-se um quadro de compreensão individual dos pais por conjugalidade, sempre em comparação com os pais em famílias intactas.

2.2. Ajustamento psicológico parental

Estudos mais antigos (e.g., Ferri & Smith, 1998) defendem que os adultos das famílias reconstituídas, sejam padrastos/madrastas ou pais/mães, apresentam uma maior probabilidade de expressar sentimentos negativos, bem como de sofrer de depressão, em comparação com os adultos de famílias intactas. Mais recentemente, as linhas de investigação apontam para resultados semelhantes, em que pais por conjugalidade sofrem de mais dificuldades ao nível da saúde física e mental do que os pais biológicos (Artis, 2007; Brown, 2016). Segundo Shapiro e Stewart (2012), ao tornarem-se pais por conjugalidade, o seu bem-estar e saúde psicológica diminui, o que poderá estar relacionado com os desafios específicos enfrentados por estas famílias.

Boyle, Feijten, Feng, Gayle e Graham (2009) verificaram as mesmas diferenças significativas no que concerne à saúde mental dos adultos em famílias reconstituídas, dedicando-se aos estudos dos diversos subtipos de famílias dentro deste grupo. Assim, concluiu-se que quando ambos os constituintes do casal são pais por conjugalidade em simultâneo, isto é, tendo os dois enteados do seu cônjuge, a sua saúde mental ficava ainda mais em risco. Da mesma forma, se ambos, ou pelo menos um dos adultos, tivesse uma criança que não vivesse com eles, ou seja, um filho não residente, este também seria uma agravante para uma pior saúde mental dos mesmos. Também a idade dos pais por

conjugalidade é aqui tida em consideração, sendo que uma idade maior corresponde a uma maior probabilidade de uma boa saúde mental.

Feijten et al., 2009; Ganong & Coleman (2004) categorizam a experiência de viver numa família recasada como stressante, tanto para pais como para crianças, com fatores de ordem familiar e individual a interferirem (Sweeney, 2010). Partindo deste pressuposto, Shapiro (2014) estudou o stress parental, comparando madrastas/padrastos e pais biológicos, através da análise de género, visões sobre papéis familiares de género e qualidade conjugal. Os seus resultados mostraram que os pais por conjugalidade são os que apresentam maiores níveis de stress parental, em específico as madrastas. Por sua vez, visões sobre os papéis familiares menos tradicionais aliadas a um elevado ajustamento diádico funcionam como fatores de proteção, levando a uma diminuição destes mesmos níveis, não havendo distinção entre o tipo de parentalidade quanto ao stress parental. Esta variável foi ainda estudada de um ponto de vista cognitivista por Schwebel & Fine (1991) que pretendeu analisar o papel das cognições como causa do stress parental vivenciado pelos padrastos/madrastas. No seu modelo, fontes de cognição sociais, familiares e individuais ativam certos tipos de cognições que podem causar stress parental como os *shoulds* (dever ser de determinada forma), atribuições de acusação e cognições de conflito nos membros da família. Por sua vez, estas levam a pensamentos mais específicos como *A família reconstituída ideal deve ser igual a uma família intacta*, *Uma família reconstituída deve ajustar-se rapidamente* ou *Tudo o que corre mal é porque somos uma família reconstituída*. A análise destas cognições pretende criar um quadro de compreensão das grandes dificuldades de ajustamento vivenciadas pelos membros destas famílias.

Em 2010, Gosselin estudou 39 famílias canadianas, todas com madrastas e com, pelo menos um adolescente, de uma relação anterior, a viver na mesma casa. Entre os instrumentos utilizados constam o Stepfamily Adjustment Scale (SAS) (Crosbie-Burnett, 1989) e o Psychological Distress Index Form (Ilfeld, 1976) que mede sintomas de depressão, ansiedade, irritabilidade e problemas cognitivos. O seu objetivo principal foi o de compreender de que forma fatores de nível individual e familiar afetavam o ajustamento de cada um dos membros da família. Este último dependia do efeito conjunto de fatores partilhados por todos como a qualidade da comunicação, a presença de conflito e questões de custódia; bem como fatores individuais de posicionamento na família como papéis e fronteiras, triangulações e stress psicológico (Gosselin, 2010). Por outro lado,

este ajustamento era previsto não só pela percepção de cada um acerca da sua situação familiar, como pela percepção dos restantes.

Como exposto anteriormente, as mães por conjugalidade parecem ser alvo de vários estudos por parte da comunidade científica (Solomon, 1995; Gosselin, 2010). Cartwright (2012) analisou os desafios por que as mesmas passam, numa família reconstituída e concluiu que temas como a lealdade e as colisões com as crianças; a preparação destas para um novo casamento, bem como uma atenção focada nas suas necessidades; e a importância do casal se manter unido são fatores que devem ser tidos em conta. São poucas as diretrizes que orientam estas mães e também os pais (Cartwright, 2012; Cherlin, 1978, 2004; Hetherington, 2014; Hoghughi & Long, 1988) e estas poderão ser pistas úteis para um melhor ajustamento psicológico, não só dos próprios, como das crianças e da própria família.

As mulheres em famílias recasadas apresentam, também, um maior risco de sofrer violência por parte dos seus companheiros do que mulheres em famílias intactas (Brownridge, 2004). São apresentadas explicações de cariz individual/familiar como o número de filhos, consumo de álcool ou a depressão; duração da relação; psicologia evolucionária como o ciúme sexual, o emprego feminino ou a compatibilidade educacional e ainda fatores de seleção como casamentos/uniões anteriores, estado civil ou violência doméstica anterior. Não existe uma única explicação a contribuir para estes resultados, mas antes uma combinação de elementos das várias explicações em conjunto. O seu ajustamento psicológico poderá influenciar (causa) e ser influenciado (efeito) em simultâneo, em situações de violência doméstica (Brownridge, 2004).

Mais recentemente, Gosselin e Gosselin (2016), procuraram retratar a experiência de parentalidade de mães pertencentes a famílias reconstituídas, numa amostra composta por mulheres com enteados, com filhos de um relacionamento anterior e com filhos da atual relação. Procurou-se criar um quadro da experiência de parentalidade destas participantes, através do estudo de variáveis como a satisfação coparental, estilo de vinculação do adulto e a sensação de competência parental. Os resultados mostraram que contrariamente a outros estudos (Doodson & Davies, 2014; Dunn, Davies, O'Connor & Sturgess, 2000; Shapiro 2014), estas mães revelam um bom nível de ajustamento psicológico, o que deverá ser considerado em investigação futuras.

Em suma, a saúde mental dos intervenientes nas famílias constituídas parece depender tanto de fatores familiares, como fatores individuais e tão específicos como as cognições destes adultos. As cognições parentais permitem, entre outros, compreender a

forma como os pais interpretam o comportamento dos filhos, com consequências para ambos (Chambel, 2013). Desta forma, podem assumir a configuração de expectativas ou atribuições referentes ao comportamento dos filhos. É sobre as últimas que nos iremos debruçar de seguida, percebendo qual o seu papel na vida destes pais e, consequentemente, na relação pais-filhos.

2.3. Atribuições parentais

No final dos anos 50, Heider (1958) apresentou uma definição de atribuição que se mantém atual, tratando-se de uma interpretação do comportamento que permite ao indivíduo dar sentido ao ambiente que o rodeia. Mais tarde, Stratton (2003) categoriza este tipo de cognições como podendo ser estáveis ou instáveis, globais ou específicas, internas ou externas, pessoais ou universais, e controláveis ou incontroláveis.

Da mesma forma, as atribuições feitas pelos pais têm sido estudadas nos últimos 30 anos, pelo que o estilo atribucional parental continua a receber uma crescente atenção teórica, empírica e com implicações clínicas por parte da comunidade científica (e.g, Snarr, Slep, Grande, 2009). Segundo Bornstein e Lansford (2009) e Nelson, O'Brien, Calkins e Keane (2013), as atribuições parentais são constructos espontâneos e explicações causais produzidas pelos pais para que se possam compreender as ações dos filhos nas mais variadas situações. Deste modo, contribuem para orientar a prática parental, tendo impacto na vida das crianças. Assim, os pais podem atribuir o sucesso ou insucesso no seu desempenho parental às crianças, a si mesmos ou a ambos (Bornstein et al., 2009).

Neste sentido, Snarr e colaboradores (2009) identificam na literatura duas dimensões para este constructo, nomeadamente as atribuições causais - que explicam porque é que um evento ocorre - e as atribuições de responsabilidade - que estão relacionadas com a responsabilidade do indivíduo por ter causado determinado evento. Nesta investigação e, de acordo com a metodologia escolhida, consideram-se estes dois tipos de atribuições parentais: as centradas nas crianças (child-responsible), intencionais e controláveis por estas; e as atribuições focadas nos pais (parent-causal), causadas por fatores estáveis, globais e de traço destes. Neste estudo visa-se compreender se a atribuição ao mau comportamento dos filhos pelos pais se deve, segundo estes, a fatores intrínsecos ao próprio ou, por outro lado, a fatores intencionais dos seus filhos.

Deste modo, o estilo atribucional parental destes indivíduos poderá apresentar uma visão mais positiva dos filhos, associando o seu mau comportamento a situações específicas fora do seu controlo (Dix, 1991) ou, por oposição, ser considerado mais negativo, com a associação do mau comportamento a fatores controláveis e intencionais (MacKinnon-Lewis, Lamb, Arbuckle, Baradaran, & Volling, 1992).

Segundo Colalillo, Miller e Johnston (2015), a maioria dos estudos tem-se focado nas atribuições centradas nas crianças, ao passo que as atribuições focadas nos pais têm sido menos estudadas. Neste sentido, a investigação de Snarr e colegas (2009) abre caminho a um tipo de estudo que considera os dois tipos de atribuições. Por sua vez, estudos passados têm-se focado essencialmente nas atribuições das mães, pelo que Colalillo e colaboradores (2015) tiveram isso em conta na sua investigação. Estes autores estudaram atribuições parentais tanto de pais como de mães e, tal como Snarr e colegas (2009), analisaram atribuições focadas nas crianças e nos pais. No seu estudo relacionaram as atribuições parentais a problemas tanto de externalização como de internalização dos filhos.

Os estudos até aqui reportam-se, na sua maioria, a famílias intactas. No entanto, e na linha de investigação presente, Stratton (2013) compara padrastos com pais adotivos e pais biológicos num estudo sobre atribuições causais. As suas descobertas indicam que para os pais biológicos é menos provável que estes atribuam a responsabilidade pelo comportamento das crianças às mesmas. Por sua vez, os pais adotivos e por conjugalidade tendem a atribuir mais responsabilidade à criança, especialmente por comportamentos negativos. Apesar disso, os pais adotivos são, igualmente, mais capazes de atribuir responsabilidade às crianças pelo comportamento positivo, quando comparados com os padrastos e pais biológicos. Segundo este autor, os padrastos aparentam ser menos inclusivos, estando mais focados no efeito que as crianças têm na família. Estes apresentam uma tendência para atribuir causas internas e controláveis às crianças, relativamente ao seu mau comportamento, muito mais do que os pais biológicos.

Após uma apresentação inicial sobre o contexto da parentalidade no recasamento, com enfoque específico nas variáveis em questão, estilos parentais, ajustamento psicológico parental e atribuições parentais, importa reflectir sobre as relações existentes entre estas mesmas variáveis.

2.4. Relação entre estilos parentais, ajustamento psicológico parental e atribuições parentais

Segundo o modelo cognitivo comportamental, as crenças influenciam as nossas emoções e, consequentemente os nossos comportamentos, expressos em ações. Esta é uma das abordagens que pode funcionar como guia de interligação das variáveis deste estudo. Assim, as atribuições, um dos tipos de crenças existente, neste caso as atribuições parentais, podem influenciar o ajustamento psicológico parental e, naturalmente, as práticas parentais, inseridas nos estilos parentais correspondentes. De acordo com a pesquisa efetuada, parece verificar-se uma escassez de estudos a relacionar todas as variáveis em questão e, pelo menos no contexto do recasamento.

Segundo Beck (1995) pensamentos desfavoráveis em relação ao próprio, aos outros ou ao mundo podem levar a emoções e comportamentos negativos por parte deste. Assim, as crenças de um indivíduo irão influenciar todo o funcionamento familiar. Deste modo, pensamentos e atitudes disfuncionais, associados a esquemas rígidos sobre a parentalidade por conjugalidade podem afetar as emoções sentidas e os comportamentos expressos, no contexto do papel de pai/mãe por conjugalidade (Jensen, Shafer, Larson, 2014). Estes autores verificaram que nas famílias complexas, existe um foco maior do padrasto/madrasta no filho biológico, do que no enteado. Esperam que estes sejam obedientes e, por vezes, acreditam que estes interferem na relação do casal conjugal. Estas crenças afetam tanto os seus parceiros, como as crianças envolvidas. Neste caso, se as crenças parentais forem no sentido de que a criança é um “fardo”, o stress parental pode aumentar, bem como as dificuldades no papel padrasto/madrasta.

Por outro lado, alguns estudos indicam que o estado emocional dos pais tem um impacto importante na parentalidade, relação que parece ser mediada pelas atribuições quanto ao comportamento da criança (Simcock & Healy, s.d.). Esta será uma outra hipótese para a relação entre as variáveis. Já em 2006, Leung e Slep constataram que a presença de sintomatologia depressiva nos pais predizia atribuições parentais focadas nos mesmos, que, por sua vez, estaria relacionado com um maior desligamento na relação pais-filhos. Assim, diferentes tipos de atribuições originariam diferentes tipos de estilos parentais. Uma atribuição disfuncional centrada na criança ou no pai/mãe preconizaria problemas emocionais, disciplina pouco efetiva, e até agressão física do pai para o filho (Snarr et al., 2009). Quanto mais negativa a atribuição, mais negativa emoção o que consequentemente levaria a estratégias disciplinares mais duras (Dix, 1993). Também

Ball (2011) refere algo semelhante, chegando à conclusão de que uma atribuição mais negativa focada na criança, levaria a emoções mais negativas, bem como à crença de que praticas parentais mais severas seriam mais eficazes para lidar com a criança.

2.4. Objetivos, hipóteses e questões exploratórias de investigação

O objetivo principal do presente estudo é investigar a relação entre Estilos Parentais, Ajustamento Psicológico Parental e Atribuições Parentais, considerando as diferenças entre pais por conjugalidade e pais em famílias intactas. Como objetivos específicos pretende-se: (1) comparar e analisar as variáveis do estudo (Estilos Parentais, Ajustamento Psicológico Parental e Atribuições Parentais) em Padrastos/Madrastas vs Mães/Pais de famílias intactas; (2) Verificar se existem diferenças de sexo dos pais e dos filhos quanto às variáveis referidas; (3) Compreender a relação entre as variáveis do estudo; (4) Analisar o contributo da variável independente(s) para a variável dependente(s); (5) Compreender o papel mediador/moderador das variáveis.

Considerando as evidências empíricas encontradas, colocam-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Existem diferenças entre pais por conjugalidade e pais em famílias intactas no que concerne a cada um dos Estilos Parentais e à qualidade da parentalidade.

Hipótese 2: Pais por conjugalidade apresentam mais dificuldades de Ajustamento Psicológico Parental do que pais em famílias intactas.

Hipótese 3: Pais por conjugalidade e pais em famílias intactas diferenciam-se relativamente ao tipo de Atribuições Parentais

Devido à escassez de literatura científica com enfoque no recasamento, e na ligação entre as três variáveis, optou-se no seguinte estudo, por aliar questões exploratórias de investigação às hipóteses supracitadas. Assim, tem-se:

Questão 1: Quais as relações/associações entre Estilos Parentais, Ajustamento Psicológico Parental e Atribuições Parentais tendo em conta o grupo dos pais por conjugalidade e os pais em famílias intactas?

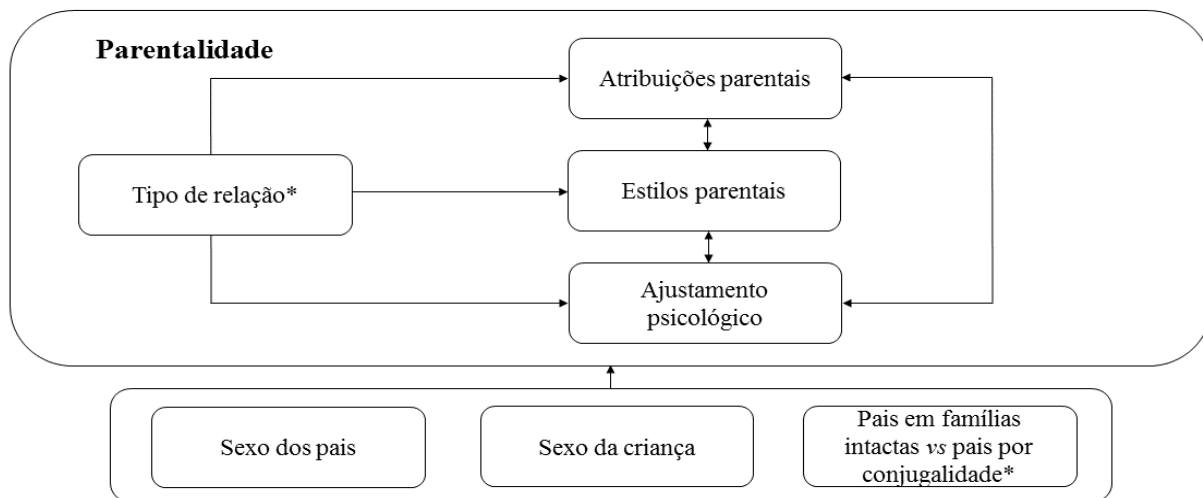


Figura 1. Mapa conceitual das variáveis do presente estudo.

3. Método

3.1. Participantes

A amostra deste estudo é constituída por um total de 192 participantes ($N=192$), sendo 70,8% do sexo feminino ($n=136$) e 29,2% do sexo masculino ($n=56$), com idades compreendidas entre os 26 e os 57 anos ($M= 41,16$; $SD=5,58$). Em relação à estrutura familiar, 77,1% ($n=148$) pertencem a uma família intacta (casamento ou coabitação), e 22,9% ($n=44$) a uma família reconstituída. Do total, 69,9% ($n=130$) dos inquiridos é da zona da Grande Lisboa e 26,3% ($n=49$) da zona Centro.

No que concerne à escolaridade, 41,6% ($n=79$) completou os estudos até ao 12º ano e 48,4% ($n=93$) tem o Ensino Superior. Quanto à situação laboral, 85,8% ($n=163$) trabalham por conta de outrem e somente 2,6% ($n=5$) se encontram no desemprego. Em relação ao estatuto ocupacional, 96,6% ($n=144$) dos participantes trabalham a tempo inteiro.

Relativamente ao acompanhamento psicológico ou psiquiátrico, a grande maioria 81,8% ($n=157$) diz nunca ter recorrido. Já na religiosidade, 72,9% ($n=140$) apresentam-se como crentes, sendo a prática religiosa pouco frequente, 51,7% ($n=90$). Na família de origem, 72,9% ($n=140$) reportam que os pais nunca se divorciaram/separaram definitivamente um do outro.

No que se refere aos filhos alvo, aqueles pelos quais os participantes responderam, estes tinham idades compreendidas entre os 5 e os 13 anos ($M=9,31$; $SD=1,98$), sendo 55,5% ($n=101$) do sexo feminino e 44,5% ($n=81$) do sexo masculino. Ainda, 73,8% ($n=135$) eram filhos biológicos dos participantes, 2,2% ($n=4$) eram adotados e 24% ($n=44$) tratavam-se de enteados. Quanto aos dias por mês que habitam com os pais, 63,5% ($n=113$) vivem 30 dias com estes. Na escolaridade, 54,2% ($n=97$), frequentam o 1º Ciclo do Ensino Básico. Finalmente, em relação ao método de recolha de dados, 10,4% foram obtidos online ($n=20$) e 89,6% foram apurados presencialmente ($n=172$).

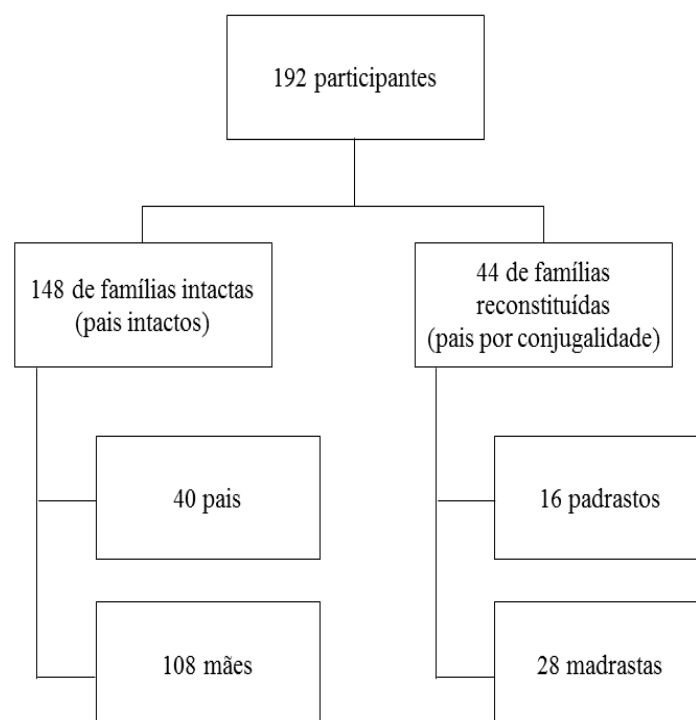


Figura 2. Mapa da amostra em diagrama

3.2. Procedimento

A recolha dos dados para esta investigação ocorreu entre setembro de 2016 e abril de 2017. Trata-se de uma amostra não probabilística por conveniência (Marotti et al., 2008; Spicer, 2014), ou seja, os participantes foram selecionados de acordo com a sua disponibilidade e acesso do investigador e não por meios estatísticos. O método de recruta foi o de “bola de neve”, pelo que os participantes foram contactados, presencialmente, através da rede informal de contactos da equipa de investigação e também online, por partilha nas redes sociais, com recurso à plataforma Qualtrics. Os critérios de inclusão da população foram: a) estar numa relação conjugal atual (intacta ou recasada) b) ser mãe ou pai; ou padrasto ou madrastra de uma criança entre os 6 e os 12 anos de idade, respondendo sempre em relação ao filho mais velho desta faixa etária. Os questionários foram entregues em envelopes selados e o tempo médio de preenchimento foi de cerca de

60 minutos, dando-se a possibilidade de recorrer ao investigador para eventuais dúvidas. A recolha poderia ocorrer logo após a entrega do mesmo ou dias/semanas depois, dependendo da disponibilidade do participante.

Para além das secções de resposta às escalas, com as devidas instruções, no início do protocolo era contextualizado o estudo (objetivos e condições de aplicação); garantido o anonimato e confidencialidade dos dados; fornecido o contacto do investigador principal; apresentada a possibilidade de recurso ao Serviço à Comunidade da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e ainda exposta a opção de deixar um contacto de e-mail para participação futura numa segunda parte da investigação. Finalmente, os protocolos só poderiam ser válidos depois de assinado o consentimento informado. Foi, ainda, utilizado um sistema de código para aceder aos questionários, mantendo o seu anonimato.

3.3. Variáveis e instrumentos

O estudo apresentado foca-se em três variáveis psicológicas: os Estilos Parentais, as Atribuições Parentais e o Ajustamento Psicológico Parental. Assim, recorreu-se aos seguintes instrumentos de avaliação:

Variáveis Sociodemográficas. Utilizou-se um questionário sociodemográfico para obter um conjunto de informações relativas ao participante: sexo, idade, zona de residência, estado civil, nível de escolaridade, profissão, religiosidade, apoio psicológico, número de filhos (sexo, idade, apoios), rendimento económico, entre outros.

Estilos Parentais. Para avaliar os Estilos Parentais recorreu-se ao *Questionário de Dimensões e Estilos Parentais* (QDEP) de Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart (2001), tendo a adaptação portuguesa sido feita por Pedro, Carrapito, & Ribeiro (2007). Trata-se de um instrumento de autorrelato composto por 32 itens que são cotados numa escala Likert de 5 pontos, variando entre Nunca (1) e Sempre (5). O questionário constitui-se por 3 escalas que pretendem avaliar três tipos de Estilos Parentais (EP): Autoritativo, Autoritário e Permissivo (Baumrind, 1971). O primeiro EP é avaliado através de 3 subescalas: Ligação (e.g., *Encorajo o meu filho a falar dos seus problemas*) Regulação (e.g., *Explico ao meu filho o motivo porque deve cumprir as regras*) e Autonomia (e.g., *Permito que o meu filho dê a sua opinião sobre as regras familiares*), cada uma composta por 5 itens, num total de 15 itens. Também o segundo EP é medido através de 3 subescalas: Coerção Física (e.g., *Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar*),

Hostilidade Verbal (e.g., *Tenho explosões de raiva com o meu filho*) e Punição (e.g., *Agarro o meu filho com força quando ele desobedece*), cada uma com 4 itens, perfazendo um total de 12 itens. Por fim, EP Permissivo não se encontra dividido em subescalas, apresentando na sua composição 5 itens (e.g., *Digo ao meu filho que o castigo e depois não cumpro*). Neste caso, valores mais elevados em cada uma das escalas correspondem ao recurso a práticas parentais relativas a cada um dos EP supracitados. Resumindo, é pedido aos participantes que assinalem com que frequência agem de certa forma com os filhos, de acordo com uma série de afirmações apresentadas. A consistência interna do estudo da adaptação portuguesa (Pedro, Carrapito, & Ribeiro, 2007) revelou valores aceitáveis para cada um dos EP: estilo Autoritativo ($\alpha = 0,88$); estilo Autoritário ($\alpha = 0,73$); estilo Permissivo ($\alpha = 0,62$). Já nesta investigação, verificaram-se valores para o coeficiente do Alfa de Cronbach de 0,87 para o estilo Autoritativo e 0,78 para o estilo Autoritário, sendo valores igualmente adequados. Por fim, o estilo Permissivo apresenta aqui um valor de 0,58, considerado abaixo do que seria satisfatório (George & Mallery, 2003), sendo, mais uma vez, o estilo parental que apresenta um valor inferior.

Atribuições Parentais. As Atribuições Parentais foram estudadas através do *Parent Cognition Scale* – PCS (Snarr, Slep & Grande, 2009; adaptação portuguesa de Fernandes, Pedro, & Narciso, 2016). Está-se perante uma medida de autorrelato de 30 itens, avaliados numa escala Likert de 6 pontos, de “Sempre Verdade” (1) a “Nunca Verdade” (6). O objetivo é perceber em que medida o comportamento disruptivo dos filhos é atribuído à criança ou aos pais. O questionário é constituído por duas subescalas: uma em que as atribuições parentais são focadas na criança (intencionais e controláveis por esta), constituída por 9 itens (e.g., *O meu filho não me ouve*) e outra em que as atribuições parentais estão focadas no próprio adulto (características estáveis, globais e de traço destes), constituída por 7 itens (e.g., *Não dou atenção suficiente ao meu filho*). Os itens que faltam para completar a escala (e.g., *Não fui tão firme como costumo ser*), atribuem o mau comportamento da criança a fatores que não são controláveis nem por estas nem pelos pais. No preenchimento da escala, solicita-se aos pais que assinalem em que medida concordam com uma série de razões apresentadas para o mau comportamento dos filhos. Relativamente à consistência interna, as escalas apresentam valores apropriados: ($\alpha = 0,9$) para as mães e ($\alpha = 0,88$) para os pais, para a dimensão das atribuições parentais focadas na criança e ($\alpha = 0,81$) para as mães e ($\alpha = 0,85$) para os pais, para a dimensão das atribuições parentais focados nos adultos. Neste estudo, os valores para o Alfa de Cronbach foram de 0,85 para atribuições parentais focadas na

criança e de 0,79 para atribuições parentais focadas no adulto, sendo considerados bom e aceitável, respetivamente.

Ajustamento Psicológico Parental. Esta variável foi medida através do *Brief Symptom Inventory* – BSI (Derogatis, 1993). Trata-se de um inventário que permite avaliar sintomas psicológicos em diferentes dimensões de sintomatologia. A versão aqui utilizada foi adaptada (Canavarro, 1999) do original. Assim, em vez de o inventário de sintomas psicológicos avaliar nove dimensões de sintomatologia, avalia somente três: Depressão, constituída 6 itens (e.g., *Sentir-se sozinho*), Ansiedade, com 6 itens associados (e.g., *Nervosismo ou tensão interior*) e Hostilidade com 5 itens (e.g., *Aborrecer-se ou irritar-se facilmente*). O inventário é, deste modo, constituído por 17 itens e vez dos originais 53, numa escala Likert de 5 pontos, variando de “Nunca” (1) a “Muitíssimas vezes” (5). As instruções são para que o participante descreva em que grau cada um dos problemas apresentados o incomodou durante a última semana. Relativamente à consistência interna, apresentam-se valores adequados para o alfa de Cronbach ($\alpha = 0,73$ para a depressão; $\alpha = 0,77$ para a ansiedade e $\alpha = 0,76$ para a hostilidade). Neste estudo e, para o mesmo coeficiente, os valores correspondem a 0,89 para a depressão e 0,84 para a ansiedade, sendo, inclusivamente mais elevados que no estudo original e, por fim, 0,73 para a hostilidade, estando ligeiramente abaixo do estudo de referência, mas ainda assim, sendo aceitável (George & Mallery, 2003).

3.4. Análise estatística

Procedeu-se à análise dos dados através do programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 23. Primeiramente, efetuou-se uma análise das frequências e estatísticas descritivas dos dados (médias e desvios-padrão). De seguida, compararam-se médias através do teste t-*Student* de comparação de médias. Esta análise compreendeu as variáveis de Estilos Parentais, Atribuições Parentais e Ajustamento Psicológico Parental. De seguida, para se perceber quais as relações entre as variáveis do estudo, realizou-se uma análise ao padrão de correlações presente, a partir do coeficiente de *Pearson*. Finalmente, para analisar qual a relação entre Ajustamento Psicológico Parental, Atribuições Parentais e o Tipo de Parentalidade recorreu-se à Regressão Múltipla Hierárquica.

4. Resultados

4.1 Comparação de médias

Realizaram-se testes *t* em amostras independentes com o objetivo de as comparar em função do tipo de família (intacta vs. reconstituída), do sexo dos pais e do sexo dos filhos em relação aos estilos parentais (autoritativo, autoritário e permissivo), ao tipo de parentalidade (positiva e negativa), ao ajustamento psicológico (ansiedade, depressão e hostilidade) e às atribuições parentais (foco no adulto e foco na criança). Assim, nas Tabelas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 apresentam-se os resultados médios e os respetivos desvios-padrão das variáveis do presente estudo para pais e mães; padrastos e madrastas; pais e padrastos; mães e madrastas; filhos e filhas; enteados e enteadas; filhos e enteados; e filhas e enteadas.

Pela análise das Tabelas 1 e 2 ao comparar as subamostras de pais com mães e de padrastos com madrastas, respetivamente, pode-se verificar que não existem diferenças significativas para as variáveis: estilos parentais, tipo de parentalidade, ajustamento psicológico e atribuições parentais. Por sua vez, na Tabela 3, ao se comparar pais com padrastos verificou-se que existem diferenças significativas para o estilo parental autoritativo, com valores médios mais elevados para a subamostra de pais ($M = 4.18$, $SD = .46$) do que para a subamostra de padrastos ($M = 3.73$, $SD = .68$; $t(52) = 2.79$, $p = .007$). Consequentemente, na parentalidade positiva, também os pais apresentam valores médios mais elevados ($M = 4.18$, $SD = .46$) do que os padrastos ($M = 3.73$, $SD = .68$; $t(52) = 2.79$, $p = .007$, *two-tailed*). Assim, relativamente à amostra em estudo, os pais homens reportaram ter um estilo parental mais autoritativo do que os padrastos, e também maiores níveis de parentalidade positiva. Em contraste, para as atribuições parentais com foco no adulto, são os padrastos que apresentam valores médios mais elevados ($M = 2.48$, $SD = .59$) que os pais ($M = 2.13$, $SD = .55$; $t(54) = -2.11$, $p = .040$, *two-tailed*). Isto é, para as atribuições face ao comportamento dos filhos são os padrastos em relação aos pais homens que apresentam um maior foco centrado no adulto. Da mesma forma, pela análise da Tabela 4, também a comparação entre mães e madrastas mostrou diferenças significativas, sendo que as mães apresentaram valores médios mais elevados para o estilo autoritativo ($M = 4.29$, $SD = .47$) do que as madrastas ($M = 3.86$, $SD = .78$; $t(28.65) = 2.63$, $p = .013$, *two-tailed*). Da mesma forma, são também as mães a apresentar valores médios mais elevados para a parentalidade positiva ($M = 4.29$, $SD = .47$) face às madrastas

($M = 3.86$, $SD = .78$; $t(28.65) = 2.63$, $p = .013$, *two-tailed*). Assim, em relação à amostra estudada, as mães reportam ter um estilo mais autoritativo em relação às madrastas e também maiores níveis de parentalidade positiva.

Relativamente ao sexo dos filhos e pela análise da Tabela 5, quando comparados filhos com filhas verificaram-se diferenças significativas para o estilo autoritário, permissivo e parentalidade negativa. Assim, os filhos apresentam resultados médios mais elevados ($M = 2.08$, $SD = .50$) do que as filhas ($M = 1.89$, $SD = .41$; $t(131) = 2.46$, $p = .015$, *two-tailed*) para o estilo autoritário. Os filhos reportam ainda valores médios mais elevados para o estilo permissivo ($M = 2.27$, $SD = .67$) do que as filhas ($M = 2.04$, $SD = .54$; $t(106.23) = 2.16$, $p = .033$, *two-tailed*). Finalmente, em relação à parentalidade negativa, são os filhos, como esperado a obterem níveis médios mais elevados ($M = 2.13$, $SD = .47$) do que as filhas ($M = 1.93$, $SD = .37$; $t(96.59) = 2.51$, $p = .014$). Deste modo, verifica-se que os pais/mães apresentam um estilo mais autoritário e mais permissivo com os filhos do que com as filhas, e também maiores níveis de parentalidade negativa. De seguida, pela análise das Tabelas 6 e 7 não foram encontradas diferenças significativas para as variáveis do estudo na comparação entre as subamostras de enteados com enteadas ou de filhos com enteados, respetivamente. Finalmente, pela observação da Tabela 8, a comparação entre filhas e enteadas mostrou diferenças significativas para o estilo parental autoritativo, com a subamostra das filhas a apresentar resultados médios mais elevados para a variável referida ($M = 4.31$, $SD = .38$) em relação à subamostra das enteadas ($M = 3.62$, $SD = .84$; $t(22.53) = 3.64$, $p = .001$, *two-tailed*). Do mesmo modo, também para a variável parentalidade positiva, é a subamostra das filhas que apresenta valores médios mais elevados ($M = 4.31$, $SD = .38$) do que a subamostra das enteadas ($M = 3.62$, $SD = .84$; $t(22.53) = 2.64$, $p = .001$, *two-tailed*). Estes resultados significam que os pais/mães e padrastos/madrastas apresentam um estilo parental mais autoritativo e consequente parentalidade positiva em relação às suas filhas do que às enteadas.

Tabela 1

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função do sexo para os participantes de famílias intactas.

	Pais		Mães		Diferenças entre grupos	
	M	DP	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i>
Estilos Parentais						
Autoritativo	4.18	.46	4.29	.47	1.32	.19
Autoritário	1.94	.47	1.97	.45	.40	.69
Permissivo	2.04	.68	2.17	.57	1.13	.26
Tipo de Parentalidade						
Parentalidade Positiva	4.18	.46	4.29	.47	1.32	.19
Parentalidade Negativa	1.96	.45	2.03	.41	.88	.38
Ajustamento Psicológico						
Ansiedade	1.74	.70	1.88	.65	1.17	.24
Depressão	1.67	.89	1.82	.79	1.02	.31
Hostilidade	1.74	.63	1.86	.56	1.08	.28
Atribuições Parentais						
Foco Adulto	2.13	.55	2.31	.85	1.32	.14
Foco Criança	2.47	.88	2.68	.90	1.47	.19

Tabela 2

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função do sexo para os participantes de famílias reconstituídas.

	Padrastos		Madrastas		Diferenças entre grupos	
	M	DP	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i>
Estilos Parentais						
Autoritativo	3.73	.68	3.86	.78	.55	.59
Autoritário	2.00	.51	1.8	.47	-1.30	.20
Permissivo	2.23	.62	2.16	.53	-.35	.73
Tipo de Parentalidade						
Parentalidade Positiva	3.73	.68	3.86	.78	.55	.59
Parentalidade Negativa	2.07	.47	1.89	.47	-1.16	.25
Ajustamento Psicológico						
Ansiedade	1.57	.44	1.82	.63	1.38	.18
Depressão	1.47	.49	1.74	.65	1.45	.16
Hostilidade	1.63	.43	1.86	.68	1.38	.17
Atribuições Parentais						
Foco Adulto	2.48	.59	2.49	.95	.03	.98
Foco Criança	2.75	.77	2.98	.94	.83	.41

Tabela 3

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função da configuração familiar do participante para o sexo masculino.

	Pais		Padrastos		Diferenças entre grupos	
	M	DP	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i>
Estilos Parentais						
Autoritativo	4.18	.46	3.73	.68	2.79	.01
Autoritário	1.94	.47	2.00	.51	-.44	.66
Permissivo	2.04	.68	2.23	.62	-.92	.36
Tipo de Parentalidade						
Parentalidade Positiva	4.18	.46	3.73	.68	2.79	.01
Parentalidade Negativa	1.96	.45	2.07	.47	-.82	.42
Ajustamento Psicológico						
Ansiedade	1.74	.70	1.57	.44	.87	.39
Depressão	1.67	.89	1.47	.49	.84	.41
Hostilidade	1.74	.63	1.63	.43	.67	.51
Atribuições Parentais						
Foco Adulto	2.13	.55	2.48	.59	-2.2	.04
Foco Criança	2.46	.88	2.75	.77	-1.14	.26

Tabela 4

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função da configuração familiar do participante para o sexo masculino.

	Mães		Madrastas		Diferenças entre grupos	
	M	DP	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i>
Estilos Parentais						
Autoritativo	4.29	.47	3.86	.78	3.5	.00
Autoritário	1.97	.45	1.80	.48	1.7	.87
Permissivo	2.17	.57	2.16	.53	.05	.95
Tipo de Parentalidade						
Parentalidade Positiva	4.29	.47	3.86	.78	3.5	.00
Parentalidade Negativa	2.03	.41	1.89	.47	1.4	.16
Ajustamento Psicológico						
Ansiedade	1.88	.65	1.82	.63	.42	.67
Depressão	1.82	.79	1.74	.65	.53	.60
Hostilidade	1.86	.56	1.86	.68	-.01	.99
Atribuições Parentais						
Foco Adulto	2.31	.85	2.49	.95	-.95	.35
Foco Criança	2.68	.90	2.98	.94	-1.5	.13

Tabela 5

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função do sexo para os filho alvo (biológicos/adotados).

	Filhos		Filhas		Diferenças entre grupos	
	M	DP	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i>
Estilos Parentais						
Autoritativo	4.17	.53	4.31	.38	-1.73	.09
Autoritário	2.08	.50	1.89	.41	2.5	.02
Permissivo	2.27	.67	2.04	.54	2.2	.03
Tipo de Parentalidade						
Parentalidade Positiva	4.17	.53	4.31	.38	-1.73	.09
Parentalidade Negativa	2.13	.47	1.93	.37	2.6	0.01
Ajustamento Psicológico						
Ansiedade	1.80	.68	1.86	.67	-.51	.61
Depressão	1.76	.88	1.77	.77	-.11	.92
Hostilidade	1.82	.66	1.83	.51	-.05	.96
Atribuições Parentais						
Foco Adulto	2.25	.78	2.28	.79	-.17	.86
Foco Criança	2.74	.98	2.55	.79	1.3	.20

Tabela 6

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função do sexo para os filho alvo (enteados).

	Enteados		Enteadas		Diferenças entre grupos	
	M	DP	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i>
Estilos Parentais						
Autoritativo	4.01	.57	3.62	.84	1.74	.09
Autoritário	1.84	.48	1.91	.52	-4.6	.65
Permissivo	2.12	.56	2.24	.57	-.72	.48
Tipo de Parentalidade						
Parentalidade Positiva	4.01	.57	3.62	.84	1.74	.09
Parentalidade Negativa	1.91	.46	2.00	.48	-.58	.56
Ajustamento Psicológico						
Ansiedade	1.68	.63	1.71	.45	-.230	.82
Depressão	1.62	.65	1.62	.54	.00	1.0
Hostilidade	1.70	.61	1.78	.57	- .46	.65
Atribuições Parentais						
Foco Adulto	2.42	.82	2.49	.81	-.23	.82
Foco Criança	2.81	.86	2.93	.90	-.47	.64

Tabela 7

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função da configuração familiar do filho alvo para o sexo masculino.

	Filhos		Enteados		Diferenças entre grupos	
	M	DP	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i>
Estilos Parentais						
Autoritativo	4.17	.53	4.01	.57	.74	.46
Autoritário	2.08	.50	1.84	.48	1.1	.27
Permissivo	2.27	.67	2.21	.56	1.9	.07
Tipo de Parentalidade						
Parentalidade Positiva	4.17	.53	4.01	.57	1.1	.27
Parentalidade Negativa	2.13	.47	1.91	.46	1.7	.10
Ajustamento Psicológico						
Ansiedade	1.80	.68	1.68	.63	.73	.46
Depressão	1.76	.88	1.62	.65	.66	.51
Hostilidade	1.82	.66	1.70	.61	.74	.46
Atribuições Parentais						
Foco Adulto	2.25	.78	2.42	.82	-.80	.43
Foco Criança	2.74	.98	2.81	.86	-.25	.80

Tabela 8

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função da configuração familiar do filho alvo para o sexo feminino.

	Filhas		Enteadas		Diferenças entre grupos	
	M	DP	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i>
Estilos Parentais						
Autoritativo	4.31	.38	3.62	.84	5.3	0.0
Autoritário	1.89	.41	1.91	.52	-.20	.84
Permissivo	2.04	.54	2.24	.57	-1.6	.86
Tipo de Parentalidade						
Parentalidade Positiva	4.31	.38	3.62	.84	5.3	0.0
Parentalidade Negativa	1.93	.37	2.00	.48	-.70	.55
Ajustamento Psicológico						
Ansiedade	1.86	.67	1.71	.45	.95	.34
Depressão	1.77	.77	1.62	.54	.92	.36
Hostilidade	1.83	.51	1.78	.57	.36	.72
Atribuições Parentais						
Foco Adulto	2.28	.79	2.48	.81	-1.6	.30
Foco Criança	2.55	.79	2.48	.81	-1.0	.05

4.2 Análise de correlações

As Tabelas 9 e 10 apresentam os valores para as correlações entre as variáveis estilos parentais (autoritativo, autoritário e permissivo), ajustamento psicológico (ansiedade, depressão e hostilidade) e atribuições parentais (foco no adulto e foco na criança). Na Tabela 9, para a amostra de pais intactos verifica-se que a variável ansiedade mostra correlações positivas e fortes com a depressão ($r = .796, p = .00$) e com a hostilidade ($r = .727, p = .00$). Por sua vez, a variável depressão apresenta uma correlação positiva e moderada com a variável hostilidade ($r = .667, p = .00$). Por último, em relação às atribuições parentais, os resultados mostram uma correlação positiva e moderada do variável foco no adulto com a variável foco na criança ($r = .573, p = .00$). Pela análise da Tabela 10, na amostra de pais por conjugalidade pode-se verificar que o estilo autoritário apresenta correlações positivas e moderadas quer com o estilo permissivo ($r = .629, p = .00$) quer com a variável depressão ($r = .631, p = .00$). Quanto à variável ansiedade, esta apresenta correlações positivas e fortes com as variáveis depressão ($r = .846, p = .00$) e hostilidade ($r = .817, p = .00$) e correlações moderadas com as variáveis foco no adulto ($r = .576, p = .00$) e foco na criança ($r = .538, p = .00$), relativas às atribuições parentais. Por sua vez, a variável depressão liga-se à variável hostilidade numa correlação positiva e forte ($r = .771, p = .00$). Já a hostilidade apresenta correlações positivas e moderadas quer com a variável foco na criança ($r = .574, p = .00$), quer com a variável foco no adulto ($r = .602, p = .00$). Por fim, a variável foco no adulto apresenta uma correlação forte com a variável foco na criança ($r = .808, p = .00$).

Tabela 9*Matriz de correlações entre as variáveis em estudo na amostra de pais intactos*

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Autoritativo	--							
2. Autoritário	-.286**	--						
3. Permissivo	.002	.402**	--					
4. Ansiedade	.009	.177*	.150	--				
5. Depressão	.062	.126	.176*	.796**	--			
6. Hostilidade	-.024	.206*	.203*	.727**	.667**	--		
7. Foco Adulto	-.242**	.347**	.295**	.237*	.178*	.175*	--	
8. Foco Criança	-.200*	.440**	.438**	.179*	.154	.162*	.573**	--

Nota. * $p < 0.05$. ** $p < 0.01$.

Tabela 10*Matriz de correlações entre as variáveis em estudo na amostra de pais por conjugalidade*

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Autoritativo	--							
2. Autoritário	-.238	--						
3. Permissivo	.036	.629**	--					
4. Ansiedade	-.306	.464**	.302	--				
5. Depressão	-.375*	.631**	.453**	.846**	--			
6. Hostilidade	-.352*	.466**	.336*	.817**	.771**	--		
7. Foco Adulto	-.281	.386*	.412**	.576**	.425**	.602**	--	
8. Foco Criança	-.301	.334*	.330*	.538**	.376*	.574**	.808**	--

Nota. * $p < 0.05$. ** $p < 0.01$.

4.3. Análise de regressões

Num primeiro momento, realizaram-se três regressões múltiplas hierárquicas para perceber qual o contributo das variáveis independentes selecionadas (sexo do progenitor, parentalidade positiva, parentalidade negativa e configuração familiar) nas variáveis dependentes (hostilidade, ansiedade e depressão).

Na primeira regressão realizada, em relação à variável dependente hostilidade (Tabela 11), o primeiro bloco (modelo 1) corresponde à variável independente sexo dos progenitores, no segundo bloco foram adicionadas as variáveis independentes parentalidade positiva e parentalidade negativa e configuração familiar. Desta forma pretende-se controlar o que cada uma acrescenta em contribuição à variável dependente, depois de serem controladas as precedentes. O modelo que se refere ao primeiro bloco explica 5.8% da variância da variável dependente ($R^2 = .058$). Quando introduzidas as variáveis do segundo bloco, o modelo passa a explicar 29.2% da variância da hostilidade ($R^2 = .292$). Quando se controla a variável do primeiro bloco, o segundo modelo passa a explicar mais 8.2% desta variância. Pela análise da presente regressão pode-se ainda verificar que existe uma variável que contribui significativamente para a variância da variável dependente hostilidade: a parentalidade negativa ($\beta = .24$).

Na segunda análise de regressão, relativamente à variável dependente ansiedade (Tabela 12), foi colocada a variável independente sexo dos pais no primeiro bloco (modelo 1) e as restantes variáveis independentes (parentalidade positiva, parentalidade negativa e configuração familiar) no segundo bloco (modelo 2). O modelo que se refere ao primeiro bloco explica 0.7% da variância da variável dependente ($R^2 = .007$). Depois de se introduzirem as variáveis do segundo bloco, o modelo passa a explicar 7.2% da variância da ansiedade ($R^2 = .072$). Depois de controladas as variáveis do primeiro bloco, o segundo modelo passou a explicar mais 6.6% da variância da variável dependente ansiedade. Pela análise desta regressão percebe-se que a variável que contribui significativamente para a variável dependente estudada é a parentalidade negativa ($\beta = .22$).

Por último, na terceira análise de regressão em relação à variável dependente depressão (Tabela 13), foi, novamente, colocada a variável independente sexo dos pais no primeiro bloco (modelo 1) e as restantes variáveis independentes (parentalidade positiva, parentalidade negativa e configuração familiar) no segundo bloco (modelo 2). Relativamente ao primeiro bloco o modelo explica 0.6% da variância da depressão ($R^2 =$

.006). Logo que são introduzidas as variáveis do segundo bloco, o modelo passa a explicar 8.3% da variância da depressão ($R^2 = .083$). Quando se controlam as variáveis do primeiro bloco, o modelo 2 passa a explicar mais 7.8% da variância da variável dependente. Pela análise desta regressão pode-se observar que a variável parentalidade negativa ($\beta = .24$) contribui significativamente para a variância da variável dependente depressão.

Pela análise das regressões pode-se verificar que para as variáveis dependentes hostilidade, ansiedade e depressão, a variável independente que mais contribui para a sua variância é a parentalidade negativa, mais do que o sexo dos progenitores, a parentalidade positiva ou a configuração familiar (íntacto vs recasados).

Num segundo momento, realizaram-se outras três regressões múltiplas hierárquicas para perceber qual o contributo das variáveis independentes agora selecionadas (atribuições com foco no adulto, atribuições com foco na criança, parentalidade positiva e parentalidade negativa) face às mesmas variáveis dependentes selecionadas anteriormente (hostilidade, ansiedade e depressão).

Nesta quarta regressão que se realizou, relativamente à variável dependente hostilidade (Tabela 14), o primeiro bloco (modelo 1) foi constituído pelas variáveis independentes atribuições parentais com foco no adulto e atribuições parentais com foco na criança e ao segundo bloco (modelo 2) foram acrescentadas as variáveis independentes parentalidade positiva e parentalidade negativa. Assim, pretendia-se verificar o contributo de cada uma para a variável dependente, quando controladas as anteriores. O modelo referente ao primeiro bloco explica 6.7% da variância da variável dependente ($R^2 = .067$). Quando se introduzem as variáveis do segundo bloco, o modelo passa a explicar 8.7% da variância da variável hostilidade ($R^2 = .087$). Quando se consegue controlar a variável do primeiro bloco, o segundo modelo passa a explicar somente mais 2% desta variância. Pela análise desta regressão pode-se verificar que não existe uma variável que contribua significativamente para a variância da variável dependente hostilidade.

Na quinta análise de regressão, em relação à variável dependente ansiedade (Tabela 15), foram colocadas as variáveis independentes atribuições parentais com foco no adulto e atribuições parentais com foco na criança no primeiro bloco (modelo 1). No segundo bloco colocaram-se as variáveis independentes: parentalidade positiva e parentalidade negativa. O modelo referente ao primeiro bloco explica 6% da variância da ansiedade ($R^2 = .06$). Depois de se introduzirem as variáveis do segundo bloco, o modelo passa a explicar 8% da variância da variável dependente ($R^2 = .08$). Depois de se controlarem as variáveis do primeiro bloco, o segundo modelo passou a explicar mais 2%

desta variância. Novamente, não existe nenhuma variável que se destaque, contribuindo significativamente para a variância da variável dependente ansiedade.

Por fim, realizou-se a última análise de regressão em relação à variável dependente depressão (Tabela 16). Foram colocadas como variáveis independentes no primeiro bloco (modelo 1) as variáveis atribuições parentais com foco na criança e atribuições parentais com foco no adulto e no segundo bloco (modelo 2) foram colocadas as variáveis independentes parentalidade positiva e parentalidade negativa. Em relação ao primeiro bloco, este explica 3.3% da variância da variável dependente ($R^2 = .033$). Assim que são introduzidas as variáveis do segundo bloco, o modelo como um todo passa a explicar 6.9% da variância da depressão ($R^2 = .069$). Quando se controlam as variáveis do primeiro bloco, o modelo explica mais 3.6% da variância da variável dependente. Pela análise desta última regressão pode-se verificar que a variável parentalidade negativa ($\beta = .21$) é a que contribui significativamente para a variância da variável dependente depressão. No final deste processo, realizaram-se ainda duas análises estatísticas para verificar se existia moderação entre as variáveis: Atribuições Parentais, Ajustamento Psicológico e o Tipo de Parentalidade ou moderação entre: Ajustamento Psicológico, Atribuições Parentais e Tipo de Parentalidade. Após os testes efetuados, verificou-se que os resultados não foram significativos nem para a mediação, nem para a moderação para as variáveis supracitadas.

Tabela 11*Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Hostilidade*

Variáveis	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes estandardizados		
	B	EP	β	t	Sig
Modelo 1					
Sexo do progenitor	- .07	.09	-.06	-.74	.46
Modelo 2					
Sexo do progenitor	-.07	.09	-.06	-.75	.45
Parentalidade Positiva	-.09	.08	-.09	-1.09	.28
Parentalidade Negativa	.30	.10	.24	3.05	.00
Pais em famílias intactas vs. Pais por conjugalidade	-.16	.10	-.13	-1.57	.12

Nota. EP = Erro padrão; ** $p \leq .001$. * $p \leq .01$. * $p < .05$.

Tabela 12*Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Ansiedade*

Variáveis	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes estandardizados		
	B	EP	β	t	Sig
Modelo 1					
Sexo do progenitor	-.11	.11	-.08	-.1.0	.31
Modelo 2					
Sexo do progenitor	-.10	.11	-.07	-.91	.36
Parentalidade Positiva	-.03	.09	-.03	-.31	.76
Parentalidade Negativa	.31	.11	.21	2.73	.01
Pais em famílias intactas vs. Pais por conjugalidade	-.19	.12	.13	-1.5	.13

Nota. EP = Erro padrão; ** $p \leq .001$. * $p \leq .01$. * $p < .0$

Tabela 13*Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Depressão*

Variáveis	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes estandardizados		
	B	EP	β	t	Sig
Modelo 1					
Sexo do progenitor	-.12	.12	-.76	-.98	.33
Modelo 2					
Sexo do progenitor	-.11	.12	-.70	-.89	.37
Parentalidade Positiva	.02	.11	.00	.05	.96
Parentalidade Negativa	.40	.13	.24	3.1	.00
Pais em famílias intactas vs. Pais por conjugalidade	-.22	.14	-.13	-1.6	.12

Nota. EP = Erro padrão; ** $p \leq .001$. * $p \leq .01$. * $p < .05$.

Tabela 14

Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Hostilidade

Variáveis	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes estandardizados		
	B	EP	β	t	Sig
Modelo 1					
Atribuições com Foco no Adulto	.07	.07	.10	1.0	.34
Atribuições com Foco na Criança	.12	.06	.19	2.0	.05
Modelo 2					
Atribuições com Foco no Adulto	.05	.07	.07	.72	.47
Atribuições com Foco na Criança	.08	.06	.12	1.2	.24
Parentalidade Positiva	-.01	.08	-.01	-.16	.87
Parentalidade Negativa	.21	.11	.16	1.8	.07

Nota. EP = Erro padrão; ** $p \leq .001$. * $p \leq .01$. * $p < .05$

Tabela 15

Tabela 15*Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Ansiedade*

Variáveis	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes estandardizados		
	B	EP	β	t	Sig
Modelo 1					
Atribuições com Foco no Adulto	.12	.79	.15	1.53	.13
Atribuições com Foco na Criança	.08	.70	.12	1.23	.22
Modelo 2					
Atribuições com Foco no Adulto	.12	.08	.15	1.50	.14
Atribuições com Foco na Criança	.05	.07	.07	.64	.52
Parentalidade Positiva	.08	.09	.07	.87	.38
Parentalidade Negativa	.22	.13	.15	1.66	.10

Nota. EP = Erro padrão; ** $p \leq .001$. * $p \leq .01$. * $p < .05$. **Tabela 16**

Tabela 16*Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Depressão*

Variáveis	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes estandardizados		
	B	EP	β	t	Sig
Modelo 1					
Atribuições com Foco no Adulto	.06	.09	.06	.60	.55
Atribuições com Foco na Criança	.11	.08	.14	1.38	.17
Modelo 2					
Atribuições com Foco no Adulto	.05	.09	.05	.52	.61
Atribuições com Foco na Criança	.05	.09	.06	.54	.59
Parentalidade Positiva	.10	.11	.08	.93	.35
Parentalidade Negativa	.35	.15	.21	2.31	.02

Nota. EP = Erro padrão; ** $p \leq .001$. * $p \leq .01$. * $p < .05$.

5. Discussão

O objetivo primordial deste estudo é o de compreender as relações entre estilos parentais, ajustamento psicológico e atribuições parentais e compará-los numa amostra de pais por conjugalidade com uma amostra de pais em famílias intactas. Pretende-se explorar em profundidade a parentalidade nestes dois contextos familiares e também contribuir para o corpo de conhecimento científico sobre o papel do padrasto e madrastas de um ponto de vista mais exclusivo e individual. Tendo em conta que o sistema familiar é composto por vários intervenientes, esta temática está relacionada com questões de ordem conjugal e familiar, com múltiplas relações e variáveis a interagirem ao mesmo tempo. A escassez de literatura científica em Portugal sobre famílias reconstituídas, bem como a conjugação das variáveis selecionadas faz com que este estudo seja de fulcral interesse.

Relativamente à primeira hipótese de investigação procurou perceber-se se os pais por conjugalidade e os pais em famílias intactas se diferenciavam em relação aos estilos parentais e à qualidade da parentalidade que apresentavam. Esta hipótese foi confirmada, encontrando-se diferenças entre as duas amostras para a variável selecionada.

De facto, os resultados mostraram que, no geral, os pais em famílias consideradas intactas apresentavam em estilo mais autoritativo e uma parentalidade mais positiva quando comparados com os pais por conjugalidade. Isto acontece quer para os pais do sexo masculino em relação aos padrastos, quer para as mães em relação às madrastas. Isto significa que os pais homens apresentam um estilo maioritariamente autoritativos com os seus filhos, apresentando maiores níveis de parentalidade positiva do que os padrastos com os seus enteados. Igualmente, também as mães apresentam um estilo parental mais autoritativo com os seus filhos, tendo uma parentalidade mais positiva do que as madrastas com os seus enteados. Desta forma, pais e mães parecem demonstrar níveis mais elevados de responsividade e afecto, bem como uma maior orientação e controlo no comportamento das crianças (Baumrind, 1967), sendo que se sabe ser este o estilo que promove melhores competências psicossociais na criança (Spera, 2005). Isto faz com que estas famílias tenham uma maior probabilidade de serem bem sucedidas dentro deste subsistema (Papernow, 2008).

Estes resultados estão de acordo com o que foi encontrado por Hetherington e Jodl em 1994 de que o estilo autoritativo e consequente parentalidade positiva seria menos provável de se encontrar numa família reconstituída face a famílias normativas. Uma

possível explicação para estes resultados poderá ser que os pais intactos se sintam mais próximos dos filhos do que dos enteados. Esta situação poderá ser explicada por razões de ordem biológica, de afeto e responsividade ou mesmo responsabilidade associada à própria filiação. De facto, Hetherington & Jodl (1994) respondem parcialmente a esta questão apontando as mães como estando mais próximas afectivamente dos seus filhos do que dos seus enteados. Este estudo não contemplou casos em que os padrastos e madrastas respondiam simultaneamente sobre os seus filhos (caso houvessem) e os seus enteados, mas um estudo comparativo neste sentido poderia ser de bastante interesse. As evidências encontradas neste estudo poderão ainda ter impacto no futuro das crianças. De facto, jovens adultos que apresentem problemas de ajustamento clínico significativo são menos prováveis de terem tido pais e padrastos com um estilo parental autoritativo (Crosbie-Burnett & Giles-Simes, 1994; Nicholson, Phillips, Peterson, & Battistutta, 2002). Outro estudo (Golish, 2000) revelou que quanto mais satisfeitos os jovens adultos estavam com os seus pais e pais por conjugalidade e família reconstituída no seu todo, menos experienciavam evitamento. Da mesma forma um estilo parental mais autoritário por parte dos pais por conjugalidade aumentava o evitamento dos filhos, ao que o autoritativo aumentava a proximidade. Igualmente, a perceção de autoritarismo e permissividade estavam associadas a níveis de satisfação mais baixos por parte dos filhos (Golish, 2000). Ora, se os filhos se afastam dos estilos associados a uma parentalidade menos positiva (estilo autoritário e permissivo) isto poderá fazer com que os pais por conjugalidade se afastem afectivamente ainda mais destes ao percecionarem este afastamento, continuando com praticas parentais menos positivas. Por outro lado, se o estilo autoritativo promove mais satisfação e proximidade por parte dos enteados (Papernow, 2018), isto poderá aumentar o nível de afectividade e responsividade por parte dos padrastos e madrastas e consequentemente a manutenção deste estilo associado a uma parentalidade positiva, contribuindo para a renovação do próprio ciclo. Ora, segundo Papernow (2018) um dos caminhos possíveis para uma boa adaptação familiar à parentalidade por conjugalidade começara com níveis grande de afeto por parte dos padrastos/madrastas, aliado a uma baixa disciplina. Esta deverá ser implementada aos poucos, até se situar num nível moderado adequado e característico do estilo autoritativo (Spera, 2005).

Resultados relativos a esta hipótese mostram ainda que os pais em famílias intactas mostram ser mais autoritários e permissivos, ou seja, com maiores níveis de parentalidade negativa com os filhos do que com as filhas. E ainda que os pais em famílias

intactas e os pais por conjugalidade apresentam um estilo mais autoritativo e parentalidade positiva em relação às filhas do que às enteadas. Em prol de um estilo parental mais afastado do autoritarismo, surgem novas abordagens (e.g., Homer, 2011) que procuram uma maior proximidade entre pais e filhos, bem como uma ligação casa-escola que promova um ajustamento saudável das crianças e adolescentes. A promoção da relação filial poderá assim ser adaptada também ao contexto da parentalidade por conjugalidade.

Em relação à segunda hipótese de investigação colocou-se a questão de os pais por conjugalidade apresentarem maiores dificuldades de ajustamento psicológico parental relativamente aos pais em famílias intactas. Esta hipótese não foi confirmada, o que trouxe alguma surpresa para a investigação. Na verdade, a amostra de padrastos e madrastas não mostrou ter maiores níveis de ansiedade, depressão ou hostilidade, em relação aos pais em famílias intactas.

Estes resultados vêm contrariar um grande corpo de investigação que aponta os padrastos e madrastas como apresentando menos ajustamento psicológico em relação aos pais de famílias intactas devido aos vários desafios apontados para esta nova constituição familiar. Deste modo, os primeiros são apontados como tendo um menor bem-estar e saúde psicológica (Artis, 2007; Brown, 2016; Shapiro & Stewart, 2012); maior possibilidade de expressar sentimentos negativos e depressão (Ferri & Smith, 1998) e ainda maiores níveis de stress parental (Shapiro, 2012). Neste seguimento, eram as madrastas que aparentavam ser mais estudadas neste contexto (Solomon, 1995; Brownridge, 2004, Gosselin, 2010, Cartwright, 2012), no entanto não foram encontradas diferenças de sexo para o ajustamento parental. Isto é, nem as madrastas nem os padrastos apresentaram maiores ou menores níveis significativos de ansiedade, depressão ou hostilidade que os pais e as mães de famílias intactas. Ora, em 2016, Gosselin e Gosselin apresentaram um estudo que veio, tal como os resultados aqui apresentados, contrariar os estudos já apresentados. Esta investigação pretendeu estudar a experiência de ser uma mãe por conjugalidade em famílias reconstituídas e veio demonstrar que estas apresentavam um bom nível de ajustamento psicológico.

Explicações para estes resultados poderão estar relacionados com uma tendência mais atual destas famílias para um melhor ajustamento psicológico. Na verdade, este ultimo estudo, bem como a presente investigação são bastante recentes, em comparação com os estudos que apontam maiores dificuldades de ajustamento e menor saúde psicológica que são um pouco mais antigos. A investigação deve ser contínua, muitas

vezes, assistem-se a ciclos de mudança nas esferas familiares, frutos de vários fatores sociológicos, psicológicos e mesmo sociais. O facto de as famílias reconstituídas estarem a aumentar ao longo dos últimos anos (Lopes, Ferreira, Ramos, & Oliveira, 2008; PORDATA, 2017), poderá fazer com que esta realidade se tenha tornado mais próxima dos intervenientes nas mesmas, aumentando o seu conhecimento, partilha de experiências e perceções eventualmente positivas sobre a mesma. O que é visto/experimentado em maior frequência poderá aumentar a familiarização com este contexto e consequente alteração do ajustamento dos adultos aqui envolvidos. Pode-se colocar ainda por hipótese que as famílias estudadas nesta investigação estejam mais próximas dos fatores protetores estudados para estas famílias, como por exemplo, beneficiarem de níveis mais elevados de resiliência por terem tido oportunidade de lidar com situações de stress ou por já terem vivido noutros contextos familiares, do que dos fatores de risco associados. Outro factor protector poderá estar relacionado com a literacia da amostra, em que quase 50% da mesma frequentou o Ensino Superior (48.4%). De facto, a estimulação intelectual poderá levar estes participantes a perceberem este contexto de uma forma mais abrangente, tendo em conta os seus efeitos também positivos e, consequentemente, com um maior conhecimento, fomentar fontes de cognição individuais que protejam o seu ajustamento psicológico parental.

Por outro lado, não nos podemos esquecer que a parentalidade por conjugalidade ocorre dentro de um sistema familiar, onde o ajustamento de cada um dos membros influencia os outros e, onde, para além disto intervém um conjunto de outras variáveis para além das estudadas. Assim, a variável ajustamento psicológico poderá estar a ser influenciada por um espectro mais alargado de outros fatores que a investigação não contemplou. Sabe-se, por exemplo, que fatores mais positivos como uma comunicação de qualidade ou mais negativos como a presença de conflito podem afetar o ajustamento dos membros da família (Gosselin, 2010). Os dados da investigação dão-nos algumas pistas para estas suposições. Na realidade, verificou-se que para as variáveis ansiedade, depressão e hostilidade, o que mais contribuía para a sua variância era a parentalidade negativa, mais do que se tratar de um padrasto ou de uma madrasta (questão de sexo) ou mesmo da configuração familiar, família intacta ou reconstituída. Isto é, o tipo de parentalidade, neste caso a negativa, que os pais tinham com os seus filhos influenciava mais o seu ajustamento psicológico, do que o facto de se tratarem de padrastos/madrastas ou pais/mães. Parece assim que a parentalidade, associada aos estilos parentais, tem mais peso no ajustamento do que fatores como o sexo ou a configuração familiar.

A terceira e última hipótese de investigação procurou perceber se se confirmaria ou não que os pais por conjugalidade se diferenciam dos pais em famílias intactas relativamente ao tipo de atribuições parentais que fazem. Esta hipótese foi confirmada, ou seja, os pais por conjugalidade, nomeadamente os do sexo masculino (padrastos) parecem apresentar atribuições com maior foco no próprio face ao comportamento dos filhos, em relação aos pais homens das famílias intactas.

Estes resultados vão contra os encontrados por Stratton (2013) que encontrou no seu estudo que os pais por conjugalidade tendem a atribuir mais responsabilidade à criança do que a eles próprios pelo comportamento negativo destas. Na investigação presente, contrariamente a este estudo são os padrastos que parecem atribuir o mau comportamento dos enteados a fatores intrínsecos ou do próprio do que a fatores intencionais das crianças. Os estudos na área das atribuições parentais são relativos às últimas décadas, não sendo tão recentes assim, no entanto, a proposta de Snarr e colaboradores (2009) para as atribuições com foco no adulto ou na criança (onde se baseou o protocolo de investigação) ainda o é, por isso será de se compreender que a literatura neste campo seja escassa, ainda para mais num âmbito tão específico como o das famílias reconstituídas. Assim, será difícil apontar tendências ou resultados mais consistentes do que outros por não haver termo de comparação, uma vez que é um terreno de investigação com muito por explorar. A verdade é que inclusivamente têm sido mais estudadas as madrastas do que os padrastos, por isso dentro deste tema, estes participantes são aqueles sobre o qual se tem menor conhecimento, inclusivamente.

Por fim, para tentar responder à questão de exploração sobre quais as associações entre as variáveis estudadas (estilos parentais, ajustamento psicológico e atribuições parentais), tendo em conta os pais em famílias intactas e os pais por conjugalidade, procedeu-se a duas análises estatísticas para perceber qual a mediação ou moderação entre as variáveis. Pela literatura, colocou-se por hipótese que o ajustamento psicológico dos pais influenciaria as suas atribuições parentais, que por sua vez, teriam impacto no tipo de parentalidade, através de uma mediação entre as variáveis. Colocou-se igualmente a hipótese de se estar perante uma moderação (Barron & Kenny, 1986) em que as atribuições parentais afetariam o tipo de parentalidade dos pais, sendo esta relação afetada pelo ajustamento psicológico. Tal como referido nos resultados, não foram encontrados dados significativos que suportassem uma ou outra hipótese. Uma possível explicação para este sucedido poderá ser o tamanho da amostra, nomeadamente ao nível dos pais por

conjugalidade, participantes de maior interesse devido à escassez de literatura neste campo.

Com esta discussão pretendeu-se uma reflexão elaborada sobre os resultados encontrados no capítulo apresentado anteriormente. Expuseram-se diferentes explicações para as hipóteses e questão de investigação colocadas e pretendeu-se que também o leitor pudesse desenvolver outras explicações alternativas a partir desta leitura.

5.1. Limites e direções futuras

Após uma reflexão meditada sobre a investigação em questão e tendo em conta o trabalho que foi sendo realizado, desde a distribuição dos protocolos até à discussão dos resultados, foram apontadas algumas limitações, bem como direções futuras que o estudo pode sugerir.

Começando pelas limitações, é de referir, desde início, os critérios de inclusão para responder ao protocolo de investigação. Este teria de ser respondido por pais de famílias intactas ou por padrastos e madrastas. Esta segunda amostra foi, claramente mais difícil de encontrar, especialmente tendo em conta que a faixa etária para os filhos/enteados estava compreendida entre os 6 e os 12 anos de idade, o que restringiu, de certa forma, os participantes para a investigação. De acordo com isto, é de referir também que o total para a amostra conseguida no caso dos pais por conjugalidade foi abaixo (22,9% pertencentes a uma família reconstituída) do que inicialmente foi pensado, pelas razões referidas, sendo que este facto teve impacto nas análises efetuadas aos dados, não permitindo por vezes, ir mais além do desejado (e.g., análise de regressões e modelos de mediação e moderação). Ainda relativamente à amostra, esta era maioritariamente do sexo feminino, cerca de 70% e, na sua maioria, quase 70% da zona da Grande Lisboa. Ora, isto poderá constituir uma distribuição pouco heterogénea, quer em termos de sexo, quer de localização geográfica. Por sua vez, em relação à escolaridade, cerca de metade da amostra tinha o Ensino Superior, o que poderá estar relacionado com a círculo socioeconómico onde os questionários foram, maioritariamente distribuídos.

Relativamente ao protocolo de investigação, este era objetivamente extenso, pelo que os participantes demoravam em média, cerca de 60 minutos a responder a todas as questões. Este tempo despendido levou a que alguns participantes demorassem mais tempo do que o suposto a entregar os questionários, os devolvessem incompletos (o que poderia invalidar os mesmos), ou inclusivamente que desistissem de participar na

investigação. Por outro lado, houve uma impossibilidade do investigador de acompanhar o preenchimento de todos os protocolos, até porque o método utilizado para a sua distribuição foi o de bola-de-neve. Isto fez com que algumas dúvidas não pudessem ter sido tiradas diretamente com o responsável pela investigação, o que poderá ter tido impacto na investigação, ainda que pouco significativo. É ainda de referir que o número de questionários distribuídos foi muito superior aos que, efetivamente, foram devolvidos e aptos para a investigação. Para além das possíveis explicações apontadas, outras serão certamente alheias ao investigador.

Relativamente à temática estudada na investigação, por vezes foi sentido alguma falta de suporte na literatura, que ligasse diretamente as variáveis estudadas às famílias reconstituídas ou aos pais por conjugalidade, apesar de no geral, existir bastante informação sobre estas constituições familiares e os seus intervenientes. Ainda assim, o que poderá ter sido uma dificuldade de investigação, pode constituir, paralelamente, um fator de diferenciação do estudo, com interesse para a comunidade científica.

Por sua vez, no que concerne a direções futuras para esta linha de investigação, sugere-se a pertinência de estudos longitudinais, com as suas vantagens inerentes, que possam acompanhar estas famílias desde a sua formação, uma vez que a maioria dos estudos encontrados eram transversais. Seria ainda de interesse, poder comparar variáveis ligadas à parentalidade relativamente a pais que tenham tanto filhos biológicos/adotados como enteados, tirando conclusões sobre eventuais diferenças aqui presentes. Este foi um tipo de comparação muito pouco encontrada na revisão de literatura, mas que se crê poder contribuir de forma interessante para a investigação da parentalidade, intacta e por conjugalidade, em simultâneo.

As famílias reconstituídas podem apresentar vários formatos e há uma grande coletânea de fatores que as influenciam: o número de filhos e a idade dos mesmos; o tempo da relação do casal; o facto de haver crianças filhas de apenas um dos elementos do casal, de ambos ou ainda filhos da relação presente; a permanência das crianças em casa, entre outros (Papernow, 2018). Assim, existe uma grande complexidade para a investigação aqui envolvida. A estes fatores podem-se ainda aliar outros como a orientação sexual dos progenitores, pelo que podemos estar perante famílias reconstituídas pertencentes a uma comunidade LGBT. Esta é uma linha de investigação relativamente recente (Cole, Rothblum, & Wright, 2013; Erera & Fredriksen, 1999; Fredriksen-Goldsen & Erera, 2004; Jenkins, 2013) mas de grande interesse científico, tendo em conta as grandes mudanças sociais a que a sociedade tem assistindo nos últimos

anos. Esta investigação foi pensada do ponto de vista dos pais por conjugalidade, analisando variáveis relacionadas com a parentalidade em comparação com os pais de famílias intactas, no entanto, na esfera da investigação familiar e sistémica surgem outras variáveis e relações de interesse, como seja o caso dos irmãos no contexto das famílias reconstituídas.

Relativamente à prática clínica, um maior conhecimento dos intervenientes nas famílias reconstituídas poderá, sem dúvida contribuir para um maior bem estar e ajustamento psicológico destes, bem como a melhoria da qualidade de vida destas famílias, sempre no sentido de ter em conta os seus desafios inerentes, mas, acima de tudo todas as potencialidades envolvidas. O papel dos pais por conjugalidade deve ser tido em conta não só na psicologia clínica, como seja o exemplo do no aconselhamento parental em terapia; com também na psicologia forense e mediação familiar (Beck & Sales, 2001; Brown, 1982; Folberg, Milne, & Salem, 2004); ao nível educacional (tendo em conta a presença de crianças nestas famílias) e também comunitário, por exemplo em programas de preparação para o recasamento e educação conjugal, tal como acontece para os primeiros casamentos (Bodenmann, 2005; Helskog, 2009; Lee & Lee, 2008; Markman, Stanley, & Blumberg (2010); Wilcox et al., 2005).

6. Conclusão

O presente estudo insere-se no contexto das famílias reconstituídas e incide sobretudo sobre a parentalidade, neste caso, dos pais por conjugalidade, ou seja, padrastos e madrastas que têm contacto com o filho (s) do seu atual companheiro. Esta interação é medida através dos seus estilos parentais (autoritativo, autoritário ou permissivo), que se refletem em práticas parentais e podem ser analisados de um ponto de vista da sua qualidade (positiva ou negativa); o ajustamento dos adultos aqui envolvidos, isto é quais os níveis que apresentam para a ansiedade, depressão e hostilidade e ainda as atribuições que fazem relativamente ao (mau) comportamento dos seus enteados, se para isso se focam em variáveis de índole individual (foco no adulto), ou se se centram mais na intenção da própria criança (foco na criança).

Pela revisão de literatura foi possível perceber que existe um longo caminho de estudo sobre a primeira variável (estilos parentais), com algum enfoque nos pais por conjugalidade; muita informação relevante sobre o ajustamento psicológico destes e um pouco menos, talvez por ser um campo de investigação mais recente, sobre as atribuições parentais, em famílias reconstituídas.

O objetivo principal do estudo foi o de perceber não só como se relacionavam estas três variáveis, contribuindo com conhecimento para o corpo de investigação, como ainda perceber quais as diferenças existentes entre participantes pertencentes a uma amostra de famílias intactas e participantes pertencentes a uma amostra de família reconstituídas, trazendo algo de novo para a ciência da psicologia.

Na análise de dados efetuaram-se comparações de médias, onde se cruzaram o sexo dos pais e dos filhos alvo, com a configuração familiar a que pertencem; correlações, onde se relacionaram as variáveis selecionadas para este estudo e regressões, onde se testou o contributo de algumas variáveis para a variância do ajustamento psicológico. Tentou-se ainda um modelo de mediação e moderação que não foi possível concretizar devido ao tamanho da amostra. Os resultados mostraram que para os estilos parentais e para as atribuições parentais existem diferenças de facto entre os padrastos/madrastas e os pais/mães. Os pais em famílias reconstituídas são mais autoritativos e apresentam níveis de parentalidade positiva maiores que os pais por conjugalidade. Nas atribuições parentais, os resultados mostram que os padrastos apresentam um foco em si mesmos quanto ao comportamento dos filhos em relação aos pais. Também se encontram diferenças relativamente a ser pai de filhos ou filhas, bem como

padrasto/pai/madrasta/mãe de filhas ou enteadas. Por sua vez, a variável que não mostrou diferenças foi o ajustamento psicológico parental, o que surpreendeu dado ao volume informação contrastante na literatura dedicada ao tema. Este estudo pretendeu contribuir assim para uma melhor compreensão da parentalidade nas famílias reconstituídas, em particular da parentalidade por conjugalidade, temática que ainda tem muito por explorar no contexto português. Procurou-se ainda a reflexão sobre as várias implicações quer na prática clínica, quer na comunidade

Referências bibliográficas

- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios familiares* (2ª ed.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Artis, J. E. (2007). Maternal cohabitation and child well-being among kindergarten children. *Journal of Marriage and Family*, 69(1), 222-236.
- Atalaia, S. (2014). As famílias recompostas em Portugal: dez anos de evolução (2001-2011). In Delgado A., Wall, K. (Eds.), *Famílias nos censos 2011: diversidade e mudança* (pp. 225-239). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística / Imprensa de Ciências Sociais.
- Baron, R. M., & Kenny, D. A. (1986). The moderator–mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of personality and social psychology*, 51(6), 1173.
- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior, *Child Development*, 37, 4, 887-907
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4(1), 1-103.
- Baumrind, D. (1991). Effective parenting during early adolescent transition. In P. A. Cowan, & M. E. Hetherington (Eds.), *Family Transitions* (pp. 111-163). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Beck, J. S. (1995). *Cognitive therapy: Basics and beyond*. New York: Guilford.
- Beck, C. J., & Sales, B. D. (2001). *Family mediation: Facts, myths, and future prospects*. American Psychological Association.

- Bornstein, M. H., Putnick, D. L., & Lansford, J. E. (2011). Parenting attributions and attitudes in cross-cultural perspective. *Parenting, 11*(2-3), 214-237.
- Bodenmann, G. (2005). Dyadic coping and its significance for marital functioning. *Couples coping with stress: Emerging perspectives on dyadic coping, 1*(1), 33-50.
- Bray, J. H. (1999). From marriage to remarriage and beyond. *Coping with divorce, single-parenting, and remarriage: A risk and resiliency perspective, 253-271*.
- Bronte-Tinkew, J., Moore, K. A., & Carrano, J. (2006). The father-child relationship, parenting styles, and adolescent risk behaviors in intact families. *Journal of family issues, 27*(6), 850-881.
- Brown, D. G. (1982). Divorce and family mediation: History, review, future directions. *Family Court Review, 20*(2), 1-44.
- Brown, S. L. (2006). Family structure transitions and adolescent well-being. *Demography, 43*, 447 – 461.
- Brownridge, D. A. (2004). Understanding women's heightened risk of violence in common-law unions: Revisiting the selection and relationship hypotheses. *Violence against women, 10*(6), 626-651.
- Bumpass, L. L., Raley, R. K., & Sweet, J. A. (1995). The changing character of stepfamilies: Implications of cohabitation and nonmarital childbearing. *Demography, 32*, 425–436.
- Cartwright, C. (2010). An exploratory investigation of parenting practices in stepfamilies. *New Zealand Journal of Psychology, 39*(1), 57-64.
- Cartwright, C. (2012). The challenges of being a mother in a stepfamily. *Journal of Divorce & Remarriage, 53*(6), 503-513.

- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI). In M. Simões, M. Gonçalves & L. Almeida (Eds.), *Testes e provas psicológicas em Portugal*, Vol. 2 (pp. 95- 109). Braga: APPORT/SHO
- Chambel, I. D. A. (2013). *Crenças parentais sobre o sono das crianças em idade pré-escolar* (Doctoral dissertation).
- Cherlin, A. (1978). Remarriage as an incomplete institution. *American Journal of Sociology*, 84, 634–650.
- Cherlin, A. J. (2004). The deinstitutionalization of American marriage. *Journal of marriage and family*, 66(4), 848-861.
- Cherlin, A., & Furstenberg, F. (1994). Stepfamilies in the United States: A reconsideration. *Annual Review of Sociology*, 20(1), 359-381.
- Chiappori, P. A., & Weiss, Y. (2006). Divorce, remarriage, and welfare: A general equilibrium approach. *Journal of the European Economic Association*, 4(2-3), 415-426.
- Colalillo, S., Miller, N. V., & Johnston, C. (2015). Mother and father attributions for child misbehavior: Relations to child internalizing and externalizing problems. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 34(9), 788-808.
- Cole, E., Rothblum, E. D., & Wright, J. M. (2013). *Lesbian step families: An ethnography of love*. Routledge.
- Coleman, M., Ganong, L., & Fine, M. (2000). Reinvestigating remarriage: Another decade of progress. *Journal of Marriage and Family*, 62(4), 1288-1307.
- Coleman, M., Ganong, L., & Fine, M. (2004). Communication in stepfamilies. *Handbook of family communication*, 215-232.

- Coleman, M., Ganong, L. H., & Warzinik, K. (2007). *Family life in 20th-century America*. Greenwood Publishing Group.
- Crosbie-Burnett, M. (1989). Application of family stress theory to remarriage: A model for assessing and helping stepfamilies. *Family Relations*, 38, 323–331.
- Crosbie-Burnett, M., & Giles-Simes, J. (1994). Adolescent Adjustment and Stepparenting Styles. *Family Relations*, (4), 394
- Delgado, A., & Wall, K. (2014). Famílias nos censos 2011: diversidade e mudança.
- Derogatis, L. R., & Spencer, P. (1993). *Brief symptom inventory: BSI*. Upper Saddle River, NJ: Pearson.
- Dix, T. (1993). Attributing dispositions to children: An interactional analysis of attribution in socialization. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 19(5), 633-643.
- Doodson, L. J., & Davies, A. P. (2014). Different challenges, different well-being: A comparison of psychological well-being across stepmothers and biological mothers and across four categories of stepmothers. *Journal of Divorce & Remarriage*, 55(1), 49-63.
- Dunn, J., Davies, L. C., O'Connor, T. G., & Sturgess, W. (2000). Parents' and partners' life course and family experiences: Links with parent–child relationships in different family settings. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 41(8), 955-968.
- Erera, P., & Fredriksen, K. (1999). Lesbian stepfamilies: A unique family structure. *Families in Society: The Journal of Contemporary Social Services*, 80(3), 263-270.

- Feijten, P., Boyle, P., Feng, Z., Gayle, V., & Graham, E. (2009). Stepparenting and mental health. In *Fertility, living arrangements, care and mobility* (pp. 151-170). Springer, Dordrecht.
- Ferri, E. and K. Smith. 1998. "Step-parenting in the 1990s." Research report. Joseph Rowntree Foundation/Family Policy Studies Centre, York, England.
- Fine, M. A., Coleman, M., & Ganong, L. H. (1998). Consistency in perceptions of the step-parent role among step-parents, parents and stepchildren. *Journal of social and personal relationships*, 15(6), 810-828.
- Folberg, J., Milne, A., & Salem, P. (Eds.). (2004). *Divorce and family mediation: Models, techniques, and applications*. Guilford Press.
- Fredriksen-Goldsen, K. I., & Erera, P. I. (2004). Lesbian-headed stepfamilies. *Journal of human behavior in the social environment*, 8(2-3), 171-187.
- Ganong, L. H., & Coleman, M. (2004). Stepfamily relationships: Development, dynamics, and interventions. New York, NY: Kluwer Academic=Plenum.
- Ganong, L. H., Coleman, M., & Jamison, T. (2011). Patterns of stepchild–stepparent relationship development. *Journal of Marriage and Family*, 73(2), 396-413.
- George, D., & Mallery, P. (2003). SPSS for Windows step by step: A simple guide and reference. 11.0 update (4th ed.). Boston: Allyn & Bacon.
- Gerson, R. (1995). The family life cycle: Phases, stages, and crises. In R. H. Mikesell, D.-D.
- Lusterman, & S. H. McDaniel (Eds.), *Integrating family therapy: Handbook of family psychology and systems theory* (pp. 91–111). Washington, DC: American Psychological Association. doi:10.1037/10172-005

- Giles-Sims, J., & Finkelhor, D. (1984). Child abuse in stepfamilies. *Family Relations*, 33, 407-414.
- Golish, T. D. (2000). Is openness always better?: Exploring the role of topic avoidance, satisfaction, and parenting styles of stepparents. *Communication Quarterly*, 48(2), 137-158.
- Gonzales, J. (2009). Prefamily counseling: Working with blended families. *Journal of Divorce & Remarriage*, 50(2), 148-157.
- Gosselin, J. (2010). Individual and family factors related to psychosocial adjustment in stepmother families with adolescents. *Journal of Divorce & Remarriage*, 51(2), 108-123.
- Gosselin, J., & Gosselin, N. (2016). Women's maternal experiences in Canadian stepfamilies: An exploratory study. *Journal of Divorce & Remarriage*, 57(6), 389-410.
- Heider, F. The psychology of interpersonal relations. New York: Wiley, 1958. Jones, E. E., & Daws, K. E. From acts to dispositions. In L. Berkowitz (Ed.). *Advances in experimental social psychology*. New York: Academic Press. 1965. Pp. 219-266.
- Helskog, G. H. (2009). The Norwegian state: A relationship educator. *What works in relationship education: Lessons from academics and service deliverers in the United States and Europe*, 137-148.
- Hetherington, E. M. (2014). *Coping with divorce, single parenting, and remarriage: A risk and resiliency perspective*. Psychology Press.
- Hetherington, E. M., & Arasteh, J. D. (2014). *Impact of divorce, single parenting and stepparenting on children: a case study of visual agnosia*. Psychology Press.

- Hetherington, E. M., & Jodl, K. M. (1994). Stepfamilies as settings for child development. *Stepfamilies: Who benefits? Who does not*, 55-79.
- Hoghugh, M. S., & Long, N. (Eds.). (2004). *Handbook of parenting: theory and research for practice*. Sage.
- Homer, H., 2011. *The New Authority – Family, School and Community*, Cambridge University Press.
- Ilfeld, F. W. (1976). Further validation of a psychiatric symptom index in a normal population. *Psychological Reports*, 39, 1215–1228.
- Instituto Nacional de Estatística (2015). *Casamentos dissolvidos por divórcio*. Recuperado de: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0008365&contexto=bd&selTab=tab2
- Jenkins, D. A. (2013). Boundary ambiguity in gay stepfamilies: Perspectives of gay biological fathers and their same-sex partners. *Journal of Divorce & Remarriage*, 54(4), 329-348.
- Jensen, T. M., Shafer, K., & Holmes, E. K. (2017). Transitioning to stepfamily life: The influence of closeness with biological parents and stepparents on children's stress. *Child & Family Social Work*, 22(1), 275-286.
- Jensen, T. M., Shafer, K., & Larson, J. H. (2014). (Step) parenting attitudes and expectations: Implications for stepfamily functioning and clinical intervention. *Families in Society*, 95(3), 213-220.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child development*, 62(5), 1049-1065.

- Kellas, J. K., Baxter, L., LeClair-Underberg, C., Thatcher, M., Routsong, T., Normand, E. L., & Braithwaite, D. O. (2014). Telling the story of stepfamily beginnings: The relationship between young-adult stepchildren's stepfamily origin stories and their satisfaction with the stepfamily. *Journal of Family Communication*, 14, 149–166. doi:10.1080/15267431.2013.864294
- Kumar, K. (2017). The Blended Family Life Cycle. *Journal of Divorce & Remarriage*, 1-16.
- Lee, N. & Lee, S. (2008). Ela & Ele: como construir uma relação duradoura. Alpha Portugal.
- Leme, B., V., Marturano, E. M., & Fontaine, A. M. (2014). Habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica de crianças de famílias nucleares e recasadas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14(3).
- Leung, D. W., & Slep, A. M. S. (2006). Predicting inept discipline: The role of parental depressive symptoms, anger, and attributions. *Journal of consulting and clinical psychology*, 74(3), 524.
- Lobo, C. (2005). Do (re) casamento às estratégias de recomposição familiar. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 18, 69-95.
- Lobo, C., & Conceição, C. P. (2003). O recasamento em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 42, 141-159.
- Lopes, A., Ferreira, A., Ramos, M. & Oliveira, I. (2008). *O Recasamento em Portugal: Tendências Actuais*. IIIº Congresso Português de Demografia.
- Mackinnon-Lewis, C., Lamb, M. E., Arbuckle, B., Baradaran, L. P., & Volling, B. L. (1992). The relationship between biased maternal and filial attributions and

the aggressiveness of their interactions. *Development and Psychopathology*, 4(3), 403-415.

Marotti, J., Galhardo, A. P. M., Furuyama, R. J., Pigozzo, M. N., Campos, T. N. D., & Laganá, D. C. (2008). Amostragem em pesquisa clínica: tamanho da amostra. *Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo*, 20(2), 186-194.

Markman, H., Stanley, S., & Blumberg, S. L. (1998). Fighting for your marriage: Positive steps for preventing divorce and preserving a lasting love. *Family Court Review*, 36(1), 95-95.

Mobley, V. (2011). *'One Shape Does Not Fit All' An Exploratory Investigation of Adults' and Children's Views of the Stepparent and Parent Roles in Stepfamilies* (Doctoral dissertation).

Nelson, J. A., O'brien, M., Calkins, S. D., & Keane, S. P. (2013). Mothers' and fathers' negative responsibility attributions and perceptions of children's problem behavior. *Personal Relationships*, 20(4), 719-727.

Nicholson, J. M., Phillips, M. E., Peterson, C. C., & Battistutta, D. (2002). Relationship between the parenting styles of biological parents and stepparents and the adjustment of young adult stepchildren. *Journal of Divorce & Remarriage*, 36(3-4), 57-76.

Parker, K. (2011). A portrait of stepfamilies. *Pew Social Trends*.

Papernow, P. L. (1984). The stepfamily cycle: An experiential model of stepfamily development. *Family Relations*, 355-363.

Papernow, P. L. (2008). A clinician's view of "stepfamily architecture". *The international handbook of stepfamilies: Policy and practice in legal, research, and clinical environments*, 422-454.

- Papernow, P.L. (2013) *Surviving and Thriving in Stepfamily Relationships: What Works and What Doesn't*. Routledge, New York.
- Papernow, P. L. (2015). *Becoming a stepfamily: Patterns of development in remarried families*. Gestalt Press.
- Papernow, P. L. (2018). Clinical guidelines for working with stepfamilies: What family, couple, individual, and child therapists need to know. *Family process*, 57(1), 25-51.
- Pedro, M. F., Carapito, E., & Ribeiro, T. (2015). Parenting Styles and Dimensions Questionnaire-the portuguese self-report version. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2), 302-312.
- PORDATA (2017). Casamentos e Divórcios. Recuperado de: <http://www.pordata.pt/Subtema/Portugal/Casamentos+e+Div%C3%B3rcios-33>
- Pryor, J., & Rodgers, B. (2001). *Children in changing families: Life after parental separation*. Blackwell Publishing.
- Riness, L. S., & Sailor, J. L. (2015). An exploration of the lived experience of step-motherhood. *Journal of divorce & Remarriage*, 56(3), 171-179.
- Robinson, C. C., Mandleco, B., Olsen, S. F., & Hart, C. H. (2001). The parenting styles and dimensions questionnaire (PSDQ). *Handbook of family measurement techniques*, 3, 319-321.
- Schwebel, A. I., Fine, M. A., & Renner, M. A. (1991). A study of perceptions of the stepparent role. *Journal of Family Issues*, 12(1), 43-57.
- Shapiro, D. (2014). Stepparents and parenting stress: The roles of gender, marital quality, and views about gender roles. *Family Process*, 53(1), 97-108.

- Shapiro, D. N., & Stewart, A. J. (2012). Dyadic support in stepfamilies: Buffering against depressive symptoms among more and less experienced stepparents. *Journal of Family Psychology*, 26(5), 833.
- Shehan, C. L. (Ed.). (2016). *The Wiley Blackwell Encyclopedia of Family Studies, 4 Volume Set* (Vol. 1). John Wiley & Sons.
- Simcock, N. S., & Healy, H. Relationships between parental attributions, affect, parenting style and child behaviour.
- Snarr, J. D., Slep, A. M. S., & Grande, V. P. (2009). Validation of a new self-report measure of parental attributions. *Psychological Assessment*, 21(3), 390.
- Solomon, C. R. (1995). The importance of mother-child relations in studying stepfamilies. *Journal of Divorce & Remarriage*, 24, 89–98.
- Spera, C. (2005). A review of the relationship among parenting practices, parenting styles, and adolescent school achievement. *Educational psychology review*, 17(2), 125-146.
- Spicer, J. (2004). *Making sense of multivariate data analysis*. Thousand Oaks: Sage.
- Steinberg, L., Lamborn, S. D., Darling, N., Mounts, N. S., & Dornbusch, S. M. (1994). Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child development*, 65(3), 754-770.
- Svare, G., Jay, S., & Mason, M. (2004). Stepparents on stepparenting: An exploratory study of stepparenting approaches. *Journal of Divorce & Remarriage*, 41(3), 81- 97.
- Sweeney, M. M. (2010). Remarriage and stepfamilies: Strategic sites for family scholarship in the 21st century. *Journal of Marriage and Family*, 72(3), 667-684.

- Teachman, J. (2008). Complex life course patterns and the risk of divorce in second marriages. *Journal of Marriage and Family*, 70(2), 294-305.
- Turunen, J. (2014). Adolescent educational outcomes in blended families: Evidence from Swedish register data. *Journal of Divorce & Remarriage*, 55, 568–589.
doi:10.1080/10502556.2014.950897
- van Eeden-Moorefield, B., & Pasley, B. K. (2013). Remarriage and stepfamily life. In *Handbook of marriage and the family* (pp. 517-546). Springer, Boston, MA.
- Wilcox, W. B., Doherty, W. J., Fisher, H., Galston, W. A., Glenn, D. D., Gottman, J., & Wallerstein, J. (2005). Why marriage matters. *Twenty-Six Conclusions from the Social Sciences, Institute for American Values, Nueva York*.
- Wise, S. (2003). Family structure, child outcomes, and environmental mediators. An overview of the Development in Diverse Families Study (Vol. 30). Melbourne, Australia: The Australian Institute of Family Studies.

ANEXOS

Consentimento Informado

PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

A investigação, para a qual pedimos a sua colaboração, decorre no âmbito de um projecto de investigação sobre Parentalidade e Trajectórias de Resiliência, sob orientação científica da Professora Doutora Isabel Narciso, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Este estudo tem como finalidade compreender o modo como **os pais por conjugalidade**, ou seja, **padrastos e madrastas**, lidam com a **vivência da parentalidade**, e quais os factores que a influenciam.

A sua participação é voluntária e a decisão de não participar não tem qualquer consequência para si ou para os seus enteados(as), podendo desistir a qualquer momento se assim o desejar. Os dados recolhidos são confidenciais, sendo posteriormente analisados de forma global e não individualizada. Todo o estudo decorrerá segundo os princípios éticos internacionais aplicados à investigação em Psicologia. Apenas os elementos da equipa da investigação terão acesso aos dados recolhidos.

A participação nesta investigação implica o preenchimento de um questionário sobre dados sociodemográficos e de outros questionários que abordam diversas temáticas relevantes para a parentalidade. Os participantes poderão ter acesso aos resultados gerais da investigação ou outros esclarecimentos acerca da mesma, solicitando informação através do seguinte endereço eletrónico: inarciso@psicologia.ulisboa.pt. Através deste contacto, os participantes poderão, também, se assim considerarem necessário, solicitar apoio psicológico no Serviço à Comunidade da FPUL.

Consentimento Informado

Ao aceitar a sua participação neste estudo, declara ter tomado conhecimento dos objetivos da investigação e do que lhe é pedido; participa voluntariamente e concorda que os dados sejam analisados anonimamente pelos investigadores envolvidos no estudo.

Grata pela sua participação!

O participante

Data

__/__/__

ANEXO B

Protocolo de Investigação

POR FAVOR, LEIA COM ATENÇÃO A SEGUINTE INSTRUÇÃO

É muito importante que leia atentamente e responda a todas as questões. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação.

Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados. Não há repostas certas ou erradas.

Nos questionários que se referem aos filhos, pense apenas nos seus enteados (rapazes e raparigas) que têm entre 6 a 12 anos, e responda relativamente ao enteado mais velho que estiver entre os 6 e 12 anos. Para facilitar a leitura, a palavra "filho" será usada com o sentido de "enteado" ou "enteada".

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Data ____ / ____ / ____

1. Sexo

☐ Feminino ☐ Masculino

2. Idade

____ anos

3. Local de Residência

4. Escolaridade

☐ 0 a 4 anos de escolaridade

☐ 5 a 6 anos de escolaridade

☐ 7 a 9 anos de escolaridade

☐ 10 a 12 anos de escolaridade

☐ Frequência universitária

☐ Ensino Superior

☐ Outro. Qual? _____

5. Situação Profissional

A) Profissão: _____

B) Situação laboral atual:

☐ Trabalhador independente

☐ Trabalhador por conta de outrem

☐ Reforma

☐ Desemprego

☐ Outro. Qual? _____

C) Estatuto ocupacional

☐ Trabalho a tempo inteiro

☐ Trabalho a tempo parcial

6. Situação Conjugal Relacional Atual

☐ Casado(a) Desde _____

☐ Coabitação conjugal (viver junto) Desde _____

☐ Divorciado(a) Desde _____

☐ Viúvo(a) Desde _____

☐ Sem relação conjugal Desde _____

7. Situação Conjugal Relacional Passada

7.1. Participante

Quantos casamentos teve anteriormente? _____

Quantas coabitações conjugais (viver junto) teve anteriormente? _____

Quantas relações anteriores terminaram por divórcio? _____

Quantas relações anteriores terminaram por separação? _____

Quantas relações anteriores terminaram por viuvez? _____

7.2. Companheiro(a) do Participante

Quantos casamentos teve anteriormente? _____
Quantas coabitações conjugais (viver junto) teve anteriormente? _____
Quantas relações anteriores terminaram por divórcio? _____
Quantas relações anteriores terminaram por separação? _____
Quantas relações anteriores terminaram por viuvez? _____

8. Agregação Familiar

Atualmente, habita com _____

9. Tem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico?

☐ Nunca teve ☐ Teve no passado ☐ Tem atualmente

10. Religiosidade

☐ Não Crente ☐ Crente

Se é Crente, com que frequência participa em práticas religiosas?

☐ Nunca ☐ Pouco Frequentemente ☐ Frequentemente ☐ Muito Frequentemente ☐ Sempre

11. Família de origem

Relativamente à situação conjugal dos seus pais, assinale a(s) opção/opções que considera adequadas:

- ☐ Nunca se divorciaram/separaram definitivamente um do outro
☐ Divorciaram-se/Separaram-se e nenhum deles voltou a coabitar conjugalmente com outra pessoa
☐ Divorciaram-se/separaram-se e a mãe voltou a coabitar conjugalmente com outra pessoa
☐ Divorciaram-se/separaram-se e o pai voltou a coabitar conjugalmente com outra pessoa
☐ Outra situação _____

12. Filhos

Filhos	1º Filho	2º Filho	3º Filho	4º Filho	5º Filho
Filiação	<input type="checkbox"/> Biológico <input type="checkbox"/> Adotado <input type="checkbox"/> Enteadado	<input type="checkbox"/> Biológico <input type="checkbox"/> Adotado <input type="checkbox"/> Enteadado	<input type="checkbox"/> Biológico <input type="checkbox"/> Adotado <input type="checkbox"/> Enteadado	<input type="checkbox"/> Biológico <input type="checkbox"/> Adotado <input type="checkbox"/> Enteadado	<input type="checkbox"/> Biológico <input type="checkbox"/> Adotado <input type="checkbox"/> Enteadado
São filhos do(a) atual companheiro(a)? Habitam com...	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não se aplica	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não se aplica	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não se aplica	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não se aplica	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não se aplica
Sexo	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M	<input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M
Idade	_____	_____	_____	_____	_____
Escolaridade	_____	_____	_____	_____	_____
Quantos dias por mês vivem consigo?	_____	_____	_____	_____	_____
Apoios	<input type="checkbox"/> Escolar <input type="checkbox"/> Psicológico <input type="checkbox"/> Pedopsiquiátrico <input type="checkbox"/> Terapia da fala <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____	<input type="checkbox"/> Escolar <input type="checkbox"/> Psicológico <input type="checkbox"/> Pedopsiquiátrico <input type="checkbox"/> Terapia da fala <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____	<input type="checkbox"/> Escolar <input type="checkbox"/> Psicológico <input type="checkbox"/> Pedopsiquiátrico <input type="checkbox"/> Terapia da fala <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____	<input type="checkbox"/> Escolar <input type="checkbox"/> Psicológico <input type="checkbox"/> Pedopsiquiátrico <input type="checkbox"/> Terapia da fala <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____	<input type="checkbox"/> Escolar <input type="checkbox"/> Psicológico <input type="checkbox"/> Pedopsiquiátrico <input type="checkbox"/> Terapia da fala <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____

13. Situação Financeira

a) Qual é, aproximadamente, o rendimento mensal líquido da sua família?

(após o desconto da segurança social e outros impostos)

_____ euros por mês

NOTA IMPORTANTE: Para além do salário relativo à sua profissão (e do salário relativo à profissão do seu cônjuge, caso seja casado ou viva em união de facto), considere também, caso existam, subsídios de desemprego ou por incapacidade, pensão de alimentos, dinheiro que receba de familiares ou amigos, lucros de ações ou de outros investimentos, rendas de propriedades, etc.

b) Principal Fonte de Rendimento da Família

- ☐ Riqueza herdada ou adquirida
☐ Lucros de empresas, investimentos, ordenados bem remunerados
☐ Vencimento mensal fixo
☐ Remuneração por semana, dia, ou por tarefa
☐ Apoio social público (do estado) ou privado (de instituições de solidariedade)
☐ Apoio de familiares/amigos

Outra fonte ☐ _____

c) Por favor responda às seguintes questões de acordo com a escala que se segue:

Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5

1. Temos dinheiro suficiente para ter uma casa adequada à nossa família.	1	2	3	4	5
2. Temos dinheiro suficiente para comprar a roupa que precisamos.	1	2	3	4	5
3. Temos dinheiro suficiente para comprar os produtos ou bens necessários para a casa.	1	2	3	4	5
4. Temos dinheiro suficiente para ter o carro que precisamos.	1	2	3	4	5
5. Temos dinheiro suficiente para comprar a comida que precisamos.	1	2	3	4	5
6. Temos dinheiro suficiente para os cuidados de saúde que precisamos.	1	2	3	4	5
7. Temos dinheiro suficiente para atividades de lazer.	1	2	3	4	5

d) Em que medida a sua família tem dificuldade em pagar as contas mensais?

- ☐ Não temos dificuldade nenhuma.
☐ Temos poucas dificuldades.
☐ Temos algumas dificuldades.
☐ Temos muitas dificuldades.
☐ Temos mesmo muitas dificuldades.

e) Em que medida concorda ou discorda com as seguintes afirmações?

Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5

1. Tenho problemas em dormir devido aos meus problemas financeiros.	1	2	3	4	5
2. Sinto-me preocupado(a) porque não consigo pagar cuidados médicos adequados.	1	2	3	4	5
3. Sinto-me muitas vezes preocupado(a) devido à minha má situação financeira.	1	2	3	4	5
4. A minha situação financeira é muito pior este ano do que era nos 12 meses anteriores.	1	2	3	4	5
5. Não sei como serei capaz de me sustentar nos próximos 12 meses.	1	2	3	4	5

SCORE-15 (Stratton et al., 2010; versão portuguesa: Vilaça, Silva, & Relvas, 2014)

Solicitamos que nos descreva a forma como vê a sua família neste momento. Quando dizemos "a sua família", referimo-nos às pessoas que vivem em sua casa. Como diria que cada afirmação **descreve a sua família**?

Descreve-nos Muito bem	Descreve-nos Bem	Descreve-nos Em parte	Descreve-nos Mal	Descreve-nos Muito mal
1	2	3	4	5

1. Na minha família, falamos uns com os outros sobre coisas que têm interesse para nós.	1	2	3	4	5
2. Na minha família muitas vezes não se diz a verdade uns aos outros.	1	2	3	4	5
3. Todos nós somos ouvidos na nossa família.	1	2	3	4	5
4. Sinto que é arriscado discordar na nossa família.	1	2	3	4	5
5. Sentimos que é difícil enfrentar os problemas do dia-a-dia.	1	2	3	4	5
6. Confiamos uns nos outros.	1	2	3	4	5
7. Sentimo-nos muito infelizes na nossa família.	1	2	3	4	5
8. Na minha família, quando as pessoas se zangam, ignoram-se intencionalmente.	1	2	3	4	5
9. Na minha família parece que surgem crises umas atrás das outras.	1	2	3	4	5

10. Quando um de nós está aborrecido/perturbado é apoiado pela família.	1	2	3	4	5
11. As coisas parecem correr sempre mal para a minha família.	1	2	3	4	5
12. As pessoas da minha família são desagradáveis umas com as outras.	1	2	3	4	5
13. Na minha família as pessoas interferem demasiado na vida umas das outras.	1	2	3	4	5
14. Na minha família culpamo-nos uns aos outros quando as coisas correm mal.	1	2	3	4	5
15. Somos bons a encontrar novas formas de lidar com as dificuldades.	1	2	3	4	5

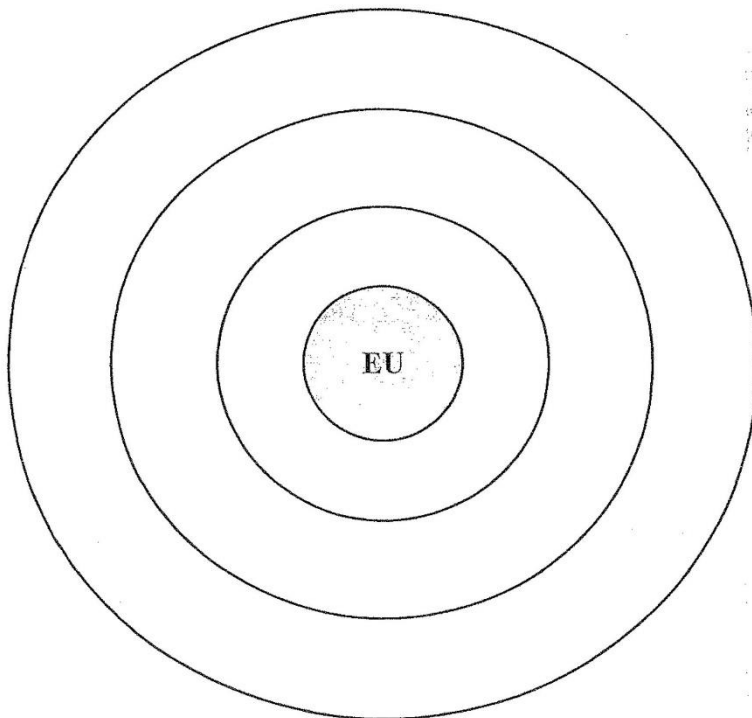
Descreve-nos Muito bem	Descreve-nos Bem	Descreve-nos Em parte	Descreve-nos Mal	Descreve-nos Muito mal
1	2	3	4	5

CMD (Kahn, & Antonucci, 1980; versão adaptada: Gameiro, Moura-Ramos, & Canavarro, 2006)

Ser-lhe-ão colocadas algumas questões referentes à sua rede de relações sociais no momento presente. O círculo central, mais pequeno e marcado "eu", **representa-o a si**. Nos outros círculos, à sua volta, coloque por favor as pessoas que, na sua vida, considera mais próximas, em termos do apoio (afetivo, familiar, profissional, etc.) que delas recebe e que lhes presta. Faça-o da seguinte forma:

- Coloque no círculo mais próximo do que o representa a si **as pessoas que lhe são tão próximas que lhe é difícil imaginar a vida sem elas**;
- Coloque no círculo seguinte **as pessoas que, embora não tão próximas, são também muito importantes**;
- Coloque no círculo mais afastado de si **pessoas que são suficientemente próximas e importantes na sua vida, pelo que ainda devem ser incluídas**.

Não necessita de indicar nomes; **coloque o tipo de relacionamento que mantém com a pessoa que quer incluir, e a ordem por que se lembrou dela** (i.e., 1-mulher, 2-filha, 3-amigo de infância, (...), 6-colega, 7-patrão, e assim sucessivamente). **Indique todas as pessoas**, isto é, não coloque "amigos" - coloque a palavra "amigo" tantas vezes quantas os amigos que quiser incluir. **Não há limite para o número de pessoas a colocar**, tal como não há referências certas ou erradas. Existem apenas as suas respostas.



Nas colunas, identifique as pessoas que colocou no primeiro e no segundo círculo. Por baixo, coloque um círculo à volta do número que melhor corresponde ao apoio que recebe dessa pessoa (0 = mínimo; 5 = máximo).

1º Círculo						
Confia e sente-se seguro(a) com esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Pode falar/desabafar com esta pessoa quando está perturbado(a), nervoso(a) ou deprimido(a)?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Pode pedir conselhos a esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) nas tarefas domésticas?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) a cuidar dos filhos?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) nos pequenos problemas do dia-a-dia?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) quando tem dificuldades financeiras?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Gostaria de passar o máximo de tempo possível com esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Satisfação global que sente com o apoio recebido desta pessoa	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

2º Círculo						
Confia e sente-se seguro(a) com esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Pode falar/desabafar com esta pessoa quando está perturbado(a), nervoso(a) ou deprimido(a)?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Pode pedir conselhos a esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) nas tarefas domésticas?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) a cuidar dos filhos?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) nos pequenos problemas do dia-a-dia?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Esta pessoa ajuda-o(a) quando tem dificuldades financeiras?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Gostaria de passar o máximo de tempo possível com esta pessoa?	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Satisfação global que sente com o apoio recebido desta pessoa	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

PANAS-C-P (Ebesutani, Okamura, Higa-McMillan, & Chorpita, 2011; versão portuguesa: Nunes, Narciso, Santos, & Pereira, *in press*)

Esta escala é constituída por uma lista de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Indique, por favor, em que medida o seu filho (enteado ou enteada) se sentiu desta forma nas últimas semanas. Leia cada item e faça um círculo na melhor resposta para essa palavra.

	Nada ou Muito Ligeiramente	Um Pouco	Moderadamente	Bastante	Muitíssimo
1. Perturbado(a)	1	2	3	4	5
2. Feliz	1	2	3	4	5
3. Nervoso(a)	1	2	3	4	5
4. Culpado(a)	1	2	3	4	5
5. Desgostoso(a)	1	2	3	4	5
6. Animado(a)	1	2	3	4	5
7. Ativo(a)	1	2	3	4	5
8. Orgulhoso(a)	1	2	3	4	5
9. Alegre	1	2	3	4	5
10. Desanimado(a)	1	2	3	4	5

(SDQ-Por) (Goodman, 1997; versão portuguesa: Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2004)

Encontra, de seguida, 25 frases. Para cada uma delas marque, com uma **cruz**, um dos seguintes quadrados: não é verdade; é um pouco verdade; é muito verdade. Ajuda-nos muito se responder a todas as afirmações o melhor que puder, mesmo que não tenha a certeza absoluta ou que a afirmação lhe pareça estranha. Por favor, responda com base no **comportamento do seu filho (enteado ou enteada), nos últimos seis meses.**

	Não é verdade	É um pouco verdade	É muito verdade
1. É sensível aos sentimentos dos outros.			
2. É irrequieto(a), muito mexido(a), nunca pára quieto(a).			
3. Queixa-se frequentemente de dores de cabeça, dores de barriga ou vômitos.			
4. Partilha facilmente com as outras crianças (doces, brinquedos, lápis, etc).			
5. Enerva-se muito facilmente e faz muitas birras.			
6. Tem tendência a isolar-se, gosta mais de brincar sozinho(a).			
7. Obedece com facilidade, faz habitualmente o que os adultos lhe mandam.			
8. Tem muitas preocupações, parece sempre preocupado(a).			
9. Gosta de ajudar se alguém está magoado, aborrecido ou doente.			
10. Não sossega. Está sempre a mexer as pernas ou as mãos.			
11. Tem pelo menos um bom amigo/uma boa amiga.			
12. Luta frequentemente com as outras crianças, ameaça-as ou intimida-as.			
13. Anda muitas vezes triste, desanimado(a) ou choroso(a).			
14. Em geral as outras crianças gostam dele(a).			
15. Distrai-se com facilidade, está sempre com a cabeça no ar.			
16. Em situações novas é receoso(a), muito agarrado(a) e pouco seguro(a).			
17. É simpático(a) e amável com crianças mais pequenas.			
18. Mente frequentemente ou engana.			
19. As outras crianças metem-se com ele(a), ameaçam-no(a) ou intimidam-no(a).			
20. Sempre pronto(a) a ajudar os outros (pais, professores ou outras crianças).			
21. Pensa nas coisas antes de as fazer.			
22. Rouba em casa, na escola ou em outros sítios.			
23. Dá-se melhor com adultos do que com outras crianças.			
25. Tem muitos medos, assusta-se com facilidade.			
25. Geralmente acaba o que começa, tem uma boa atenção.			

EAHP (Narciso & Santos, 2013)

Apresenta-se a seguir um conjunto de questões que remetem para a relação com o seu filho (enteado ou enteada). Centre-se, por favor, na forma como habitualmente se comporta face ao seu filho (enteado ou enteada). Leia com muita atenção cada questão, e responda a cada uma delas com base nas quatro alternativas possíveis, fazendo uma cruz naquela que melhor se aplica ao seu caso. Por favor, responda a todas as questões.

	Nunca	Raramente	Às Vezes	Muitas Vezes
1. É carinhoso(a) com o seu filho?				
2. Castiga o seu filho severamente, mesmo no caso de pequenas asneiras?				
3. Tenta acalmar o seu filho quando ele está agitado/inquieto/irritado?				
4. Percebe quando o seu filho precisa de apoio/consolo?				
5. Deixa de falar com o seu filho, quando está zangado(a), ou para o castigar?				
6. Grita com o seu filho?				
7. Mostra ao seu filho que o valoriza?				

		Nunca	Raramente	Às Vezes	Muitas Vezes
8	Ignora o seu filho só para o irritar?				
9	Ajuda/apoia/consola o seu filho quando ele precisa?				
10	Quando está zangado(a) com o seu filho, ameaça-o que se vai embora?				
11	Tenta explicar ao seu filho as razões de um castigo/ralhete?				
12	Castiga o seu filho fisicamente (bater, puxar orelhas, etc.)?				
13	Castiga o seu filho severamente, quando ele se comporta inadequadamente?				
14	Brinca com o seu filho?				
15	Bate no seu filho em público?				
16	Quando está satisfeito com o seu filho, mostra-lhe a sua satisfação?				
17	Retira todos os privilégios (ver TV, brincar, jogar, etc.) ao seu filho, quando ele se comporta inadequadamente?				
18	Goza com o seu filho quando ele precisa de apoio/consolo?				
19	Gosta do seu filho tal como ele é?				
20	Quando está zangado(a) com o seu filho, diz-lhe que não gosta dele?				
21	Tenta explicar ao seu filho como se deve comportar?				
22	É brusco(a) com o seu filho, quando ele precisa de apoio/consolo?				
23	Ralha com o seu filho em público?				
24	Ignora o seu filho quando ele precisa de apoio/consolo?				
25	Goza com o seu filho só para o irritar?				
26	Diz ao seu filho que gosta dele?				

PCS (Snarr, Sleep, & Grande, 2009; adaptação portuguesa: Fernandes, Pedro, & Narciso, 2015)

Há sempre uma altura em que os filhos se portam mal ou fazem coisas que podem ser perigosas, que estão erradas, ou que os pais não gostam. Por exemplo: bater em alguém, choramingar, não arrumar o quarto, não fazer os trabalhos de casa, mentir, não querer ir para a cama, contradizer o que os pais dizem, tirar coisas que não lhes pertencem, ter um ataque de fúria, dizer asneiras, chegar a casa tarde, correr para a estrada. Os pais têm muitas maneiras diferentes de pensar sobre estes problemas, e podem pensar de forma diferente em função das características específicas dos seus filhos.

Por favor, assinale em que medida concorda que as seguintes razões para o mau comportamento das crianças são, em geral, verdadeiras, para o seu filho (enteado ou enteada) e para o comportamento dele, nos últimos dois meses.

Sempre Verdade	Frequentemente Verdade	Por Vezes, Verdade	Ocasionalmente Verdade	Raramente Verdade	Nunca Verdade
1	2	3	4	5	6

1. Não fui tão firme como costumo ser.	1	2	3	4	5	6
2. O meu filho não me ouve.	1	2	3	4	5	6
3. Não sou suficientemente organizado(a) com o meu filho.	1	2	3	4	5	6
4. O meu filho não consegue perceber as regras.	1	2	3	4	5	6
5. O meu filho pensa que é ele que manda.	1	2	3	4	5	6
6. Não sei como lidar com o meu filho.	1	2	3	4	5	6
7. Não dou atenção suficiente ao meu filho.	1	2	3	4	5	6
8. O meu filho é teimoso.	1	2	3	4	5	6
9. É difícil, para mim, impor limites.	1	2	3	4	5	6
10. O meu filho está a atravessar uma fase.	1	2	3	4	5	6
11. O meu filho só faz o que quer e quando quer.	1	2	3	4	5	6
12. Estava cansado(a), nessa altura.	1	2	3	4	5	6
13. Sou pouco confiante a lidar com o meu filho.	1	2	3	4	5	6
14. O meu filho faz de propósito para me deixar zangado(a).	1	2	3	4	5	6
15. O meu filho sente que não há tempo para ele.	1	2	3	4	5	6

Sempre Verdade	Frequentemente Verdade	Por Vezes, Verdade	Ocasionalmente Verdade	Raramente Verdade	Nunca Verdade
1	2	3	4	5	6

16. Não sou paciente.	1	2	3	4	5	6
17. O meu filho tenta tirar-me do sério ou provocar-me.	1	2	3	4	5	6
18. O meu filho quer tudo à maneira dele.	1	2	3	4	5	6
19. É difícil, para o meu filho, fazer o que eu quero.	1	2	3	4	5	6
20. Não consigo controlar o meu filho.	1	2	3	4	5	6
21. Não consegui ser suficientemente rápido(a) a reagir nessa altura.	1	2	3	4	5	6
22. Não sou capaz de ser claro(a).	1	2	3	4	5	6
23. O meu filho é muito exigente.	1	2	3	4	5	6
24. Lidei com as coisas de forma pouco habitual.	1	2	3	4	5	6
25. O meu filho gosta de testar os meus limites.	1	2	3	4	5	6
26. Estava ocupado(a) com outras coisas nessa altura.	1	2	3	4	5	6
27. Não faço as coisas como deve ser.	1	2	3	4	5	6
28. O meu filho cansa-se facilmente.	1	2	3	4	5	6
29. É difícil, para mim, ouvir realmente o meu filho.	1	2	3	4	5	6
30. O meu filho recusa-se a fazer o que eu acho que ele devia fazer.	1	2	3	4	5	6

CCNES (Fabes, Eisenber, & Bernzweig, 1990; versão portuguesa: Alves & Cruz, 2011)

Ao longo de doze situações, pedimos que indique numa escala de 1 (*Nada provável*) a 7 (*Muito provável*) a probabilidade de responder de forma semelhante ao que é descrito em cada uma das alíneas apresentadas. Por favor, coloque **em cada alínea** (a - f) **um círculo** à volta do número (1 - 7) que melhor traduz a probabilidade de responder ou agir como o descrito.

Nada Provável			Médio			Muito Provável
1	2	3	4	5	6	7

1. Se o meu filho se zanga porque está doente ou se magoou e não pode ir a uma festa de anos, eu:						
a) Mando-o ir para o quarto para se acalmar.	1	2	3	4	5	6 7
b) Zango-me com ele.	1	2	3	4	5	6 7
c) Ajudo-o a pensar numa forma de ainda estar com os amigos (ex. convidar alguns amigos para irem lá para casa).	1	2	3	4	5	6 7
d) Digo-lhe para não dar tanta importância ao assunto.	1	2	3	4	5	6 7
e) Encorajo-o a expressar os seus sentimentos de zanga e frustração.	1	2	3	4	5	6 7
f) Acalmo-o, faço alguma coisa divertida para que se sinta melhor.	1	2	3	4	5	6 7
2. Se o meu filho cai de bicicleta e a estraga, e depois fica chateado, eu:						
a) Consigo manter-me calmo(a).	1	2	3	4	5	6 7
b) Conforto-o e tento que esqueça o acidente.	1	2	3	4	5	6 7
c) Digo-lhe que está a reagir de forma exagerada.	1	2	3	4	5	6 7
d) Ajudo-o a pensar como é que pode arranjar a bicicleta.	1	2	3	4	5	6 7
e) Digo-lhe que não tem mal chorar.	1	2	3	4	5	6 7
f) Digo-lhe para parar de chorar ou fica sem andar de bicicleta nos próximos tempos.	1	2	3	4	5	6 7
3. Se o meu filho perde uma coisa de que gosta muito e reage a chorar, eu:						
a) Digo-lhe que está a reagir de forma exagerada.	1	2	3	4	5	6 7
b) Aborreço-me com ele por ser tão descuidado e depois digo-lhe que não é preciso chorar por causa disso.	1	2	3	4	5	6 7
c) Ajudo-o a pensar em sítios onde ainda não procurou.	1	2	3	4	5	6 7
d) Distraio-o, falando de coisas alegres.	1	2	3	4	5	6 7
e) Digo-lhe que não tem mal chorar quando nos sentimos tristes.	1	2	3	4	5	6 7
f) Digo-lhe que é isso que acontece quando não se tem cuidado.	1	2	3	4	5	6 7

4. Se o meu filho tem medo de injeções e fica trémulo e a chorar antes de apanhar uma, eu:							
a) Digo-lhe para se comportar bem, que depois o deixo fazer algo que ele gosta muito de fazer (ex. ver televisão).	1	2	3	4	5	6	7
b) Encorajo-o a falar dos seus medos.	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe para não dar muita importância à injeção.	1	2	3	4	5	6	7
d) Digo-lhe para ele não chorar pois vai-nos embaraçar.	1	2	3	4	5	6	7
e) Conforto-o antes e depois de tomar a injeção.	1	2	3	4	5	6	7
f) Ajudo-o pensar em formas de diminuir a dor (por exemplo, respirar fundo).	1	2	3	4	5	6	7
5. Se o meu filho vai passar a tarde a casa de um amigo e aí, começa a ficar nervoso e preocupado porque eu não posso ficar com ele, eu:							
a) Distraio-o, falando de como se vai divertir com o amigo.	1	2	3	4	5	6	7
b) Ajudo-o a pensar em coisas que pode fazer para que não sinta medo na minha ausência (ex. levar um livro ou um brinquedo).	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe que não vale a pena reagir assim e que está a portar-se como um bebé.	1	2	3	4	5	6	7
d) Digo-lhe que se não pára de se portar assim, nunca mais vai a lado nenhum.	1	2	3	4	5	6	7
e) Sinto-me desconfortável e aborrecida por causa das reacções dele.	1	2	3	4	5	6	7
f) Encorajo-o a falar acerca do facto de se sentir nervoso.	1	2	3	4	5	6	7
6. Se o meu filho está a participar numa actividade de grupo com os amigos, comete um erro e fica embaraçado, quase a chorar, eu:							
a) Consolo-o e tento que se sinta melhor.	1	2	3	4	5	6	7
b) Digo-lhe que ele está a exagerar.	1	2	3	4	5	6	7
c) Sinto-me desconfortável e envergonhado(a).	1	2	3	4	5	6	7
d) Digo-lhe para se recompor ou vamos para casa imediatamente.	1	2	3	4	5	6	7
e) Encorajo-o a falar acerca do facto de se sentir embaraçado.	1	2	3	4	5	6	7
f) Digo-lhe que eu vou ajudá-lo a praticar para que da próxima vez corra melhor.	1	2	3	4	5	6	7
7. Se o meu filho vai participar numa festa ou numa prova desportiva e fica visivelmente nervoso pelo facto das pessoas olharem para ele, eu:							
a) Ajudo-o a pensar em coisas que pode fazer para se preparar (ex. fazer o aquecimento e não olhar para o público).	1	2	3	4	5	6	7
b) Sugiro-lhe que pense nalguma coisa relaxante para se acalmar.	1	2	3	4	5	6	7
c) Consigo manter-me calma.	1	2	3	4	5	6	7
d) Digo-lhe que se está a portar como um bebé.	1	2	3	4	5	6	7
e) Digo-lhe para se acalmar de imediato ou vamos directos para casa.	1	2	3	4	5	6	7
f) Encorajo-o a falar acerca do facto de se sentir nervoso.	1	2	3	4	5	6	7
8. Se o meu filho abre, na presença do amigo, um presente de aniversário que este lhe ofereceu, e não gosta, ficando visivelmente desiludido e mesmo aborrecido, eu:							
a) Incentivo-o a expressar os seus sentimentos de decepção.	1	2	3	4	5	6	7
b) Digo-lhe que pode trocar o presente por algo que ele queira.	1	2	3	4	5	6	7
c) Fico chateado(a) com o meu filho por estar a ser rude.	1	2	3	4	5	6	7
d) Digo-lhe que está a exagerar.	1	2	3	4	5	6	7
e) Ralho-lhe porque não está ser sensível aos sentimentos do amigo.	1	2	3	4	5	6	7
f) Faço algo divertido para que sinta melhor.	1	2	3	4	5	6	7
9. Se o meu filho está muito assustado e não consegue ir dormir depois de ter visto um filme de terror, eu:							
a) Encorajo-o a falar do que o assustou.	1	2	3	4	5	6	7
b) Fico aborrecido(a) com ele por se comportar de uma forma tonta.	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe que está a reagir de forma exagerada.	1	2	3	4	5	6	7
d) Ajudo-o a pensar numa coisa que pode fazer para o ajudar a adormecer (ex. levar um boneco para a cama, deixar as luzes acesas).	1	2	3	4	5	6	7
e) Digo-lhe para ir para a cama e que não o deixo ver mais televisão.	1	2	3	4	5	6	7
f) Faço alguma coisa divertida para o ajudar a esquecer o que o assustou.	1	2	3	4	5	6	7
10. Se o meu filho está no parque e aparece quase a chorar porque as outras crianças não o deixam brincar, eu:							
a) Digo-lhe para não me aborrecer.	1	2	3	4	5	6	7

b) Digo-lhe que se começar a chorar teremos de ir para casa imediatamente.	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe que não tem mal chorar quando nos sentimos mal.	1	2	3	4	5	6	7
d) Conforto-o e tento ajudá-lo a pensar em algo feliz.	1	2	3	4	5	6	7
e) Ajudo-o a pensar numa outra coisa para fazer.	1	2	3	4	5	6	7
f) Digo-lhe que se vai sentir melhor em breve.	1	2	3	4	5	6	7
11. Se o meu filho está a brincar com outras crianças, uma delas lhe chama nomes e ele começa a ficar trémulo e a chorar, eu:							
a) Digo-lhe para não dar muita importância.	1	2	3	4	5	6	7
b) Fico eu aborrecido(a).	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe para se portar bem ou vamos diretos para casa.	1	2	3	4	5	6	7
d) Ajudo-o a pensar no que pode fazer quando os outros implicam com ele (ex. procurar outras coisas para fazer).	1	2	3	4	5	6	7
e) Conforto-o e faço com ele um jogo para que ele se esqueça do que o aborreceu.	1	2	3	4	5	6	7
f) Encorajo-o a falar de como magoa ser gozado.	1	2	3	4	5	6	7
12. Se o meu filho é tímido e fica amedrontado, chora e quer ficar no quarto sempre que recebemos visitas em casa, eu:							
a) Ajudo-o a pensar no que pode fazer para que não seja tão assustador estar com visitas (ex. pegar no brinquedo favorito).	1	2	3	4	5	6	7
b) Digo-lhe que não tem mal sentir-se nervoso.	1	2	3	4	5	6	7
c) Tento que se distraia, falando das coisas divertidas que pode fazer com as visitas.	1	2	3	4	5	6	7
d) Sinto-me desconfortável e aborrecido(a) por causa da reação dele.	1	2	3	4	5	6	7
e) Digo-lhe que tem de ficar na sala e estar com as visitas.	1	2	3	4	5	6	7
f) Digo-lhe que se está a portar como um bebé.	1	2	3	4	5	6	7

QDEP (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001; versão portuguesa: Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2007)

As seguintes afirmações pretendem perceber com que frequência e de que modo atua com o seu filho (enteado ou enteada). Depois de escolher a sua resposta, assinale-a com um círculo.

	Nunca	Algumas vezes	Metade das vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Sou sensível às necessidades e sentimentos do meu filho.	1	2	3	4	5
2. Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar.	1	2	3	4	5
3. Tenho em conta os desejos do meu filho, antes de lhe pedir que faça algo.	1	2	3	4	5
4. Quando o meu filho pergunta por que tem de obedecer, digo-lhe: "porque eu disse" ou "porque sou tua mãe e quero que o faças".	1	2	3	4	5
5. Explico ao meu filho como me sinto quando ele se comporta bem e quando se comporta mal.	1	2	3	4	5
6. Bato ao meu filho quando ele é desobediente.	1	2	3	4	5
7. Encorajo o meu filho a falar dos seus problemas.	1	2	3	4	5
8. Acho difícil disciplinar o meu filho.	1	2	3	4	5
9. Encorajo o meu filho a expressar-se livremente mesmo quando ele não concorda comigo.	1	2	3	4	5
10. Castigo o meu filho retirando-lhe privilégios, com poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
11. Realço os motivos das regras.	1	2	3	4	5
12. Conforto e sou compreensivo(a) quando o meu filho está "em baixo".	1	2	3	4	5
13. Quando o meu filho se comporta mal, falo alto ou grito.	1	2	3	4	5
14. Elogio o meu filho quando ele se comporta bem.	1	2	3	4	5
15. Eu cedo quando o meu filho faz birra.	1	2	3	4	5
16. Tenho explosões de raiva com o meu filho.	1	2	3	4	5
17. Ameaço o meu filho com castigos, mais vezes do que o castigo efetivamente.	1	2	3	4	5
18. Tenho em conta as preferências do meu filho quando se fazem planos para a família.	1	2	3	4	5
19. Agarró o meu filho com força quando ele desobedece.	1	2	3	4	5
20. Digo ao meu filho que o castigo e depois não cumprio.	1	2	3	4	5
21. Mostro respeito pelas opiniões do meu filho, encorajando-o a expressá-las.	1	2	3	4	5
22. Permito que o meu filho dê a sua opinião sobre as regras familiares.	1	2	3	4	5
23. Repreendo e crítico o meu filho para o bem dele.	1	2	3	4	5
24. Estrago o meu filho com mimos.	1	2	3	4	5

25. Explico ao meu filho os motivos porque deve cumprir as regras.	1	2	3	4	5
26. Uso ameaças como castigos, dando poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
27. Tenho momentos de grande afetividade e carinho com o meu filho.	1	2	3	4	5
28. Castigo o meu filho, deixando-o sozinho e dando-lhe poucas explicações.	1	2	3	4	5
29. Ajudo o meu filho a compreender o impacto do seu comportamento, encorajando-o a falar sobre as consequências das suas ações.	1	2	3	4	5
30. Repreendo ou critico o meu filho quando ele não se comporta como nós esperamos.	1	2	3	4	5
31. Explico as consequências do comportamento do meu filho.	1	2	3	4	5
32. Dou uma bofetada ao meu filho quando ele se comporta mal.	1	2	3	4	5

EHP (O'Leary & Porter, 1980; versão portuguesa: Pedro & Francisco, 2014)

Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Muito frequentemente
1	2	3	4	5

1. Nesta época de dificuldades financeiras, é difícil restringir as discussões sobre dinheiro a alturas e locais específicos. Com que frequência diria que você e o(a) pai/mãe do seu filho discutem sobre assuntos relacionados com dinheiro em frente deste filho?	1	2	3	4	5
2. Muitas vezes os filhos vão ter com um dos pais para pedirem dinheiro ou autorização para fazerem alguma coisa, depois do outro pai lhes ter dito que não. Com que frequência diria que este filho tem este tipo de comportamento consigo ou com o(a) pai/mãe com sucesso?	1	2	3	4	5
3. Maridos e mulheres discutem frequentemente sobre como educar os filhos. Com que frequência você e o(a) pai/mãe do seu filho discutem sobre a educação dos filhos à frente deste filho?	1	2	3	4	5
4. Com que frequência este filho vos ouviu a discutir [a si e ao(a) pai/mãe] acerca do papel da mulher na família (tarefas domésticas, mães trabalhadoras, etc)?	1	2	3	4	5
5. Com que frequência é que o(a) pai/mãe do seu filho reclama consigo acerca do seu "vício pessoal" (beber, estar a reclamar, ser desanimado, etc.) em frente a este filho?	1	2	3	4	5
6. Com que frequência é que reclama com o(a) pai/mãe do seu filho acerca dos "vícios pessoais" dele/dela em frente a este filho?	1	2	3	4	5
7. Com que frequência as discussões com o(a) pai/mãe do seu filho acontecem em frente a este filho?	1	2	3	4	5
8. Em diferentes níveis, todos experienciamos impulsos quase irresistíveis em alturas de grande stress. Com que frequência há expressão física de hostilidade entre si e o(a) pai/mãe do seu filho em frente a este filho?	1	2	3	4	5
9. Com que frequência você e o(a) pai/mãe do seu filho mostram hostilidade verbal em frente a este filho?	1	2	3	4	5
10. Com que frequência você e o(a) pai/mãe do seu filho mostram afecto um para com o outro em frente a este filho?	1	2	3	4	5

IRI (Davis, 1983; versão portuguesa: Limpo, Alves, & Castro, 2010)

Não me descreve bem				Descreve-me muito bem
1	2	3	4	5

1. Tenho muitas vezes sentimentos de ternura e preocupação pelas pessoas menos afortunadas do que eu.	1	2	3	4	5
2. De vez em quando tenho dificuldade em ver as coisas do ponto de vista dos outros.	1	2	3	4	5
3. Às vezes, não sinto muita pena quando as outras pessoas estão a ter problemas.	1	2	3	4	5
4. Facilmente me deixo envolver nos sentimentos das personagens de um romance.	1	2	3	4	5
5. Em situações de emergência, sinto-me desconfortável e aprensivo(a).	1	2	3	4	5

6. Habitualmente mantenho a objetividade ao ver um filme ou um teatro e não me deixo envolver por completo.	1	2	3	4	5
7. Quando há desacordo, tento atender a todos os pontos de vista antes de tomar uma decisão.	1	2	3	4	5
8. Quando vejo que se estão a aproveitar de uma pessoa, sinto vontade de a proteger.	1	2	3	4	5
9. Por vezes tento compreender melhor os meus amigos imaginando a sua perspectiva de ver as coisas.	1	2	3	4	5
10. É raro ficar completamente envolvido(a) num bom livro ou filme.	1	2	3	4	5
11. Quando vejo alguém ficar ferido, tendo a permanecer calmo(a).	1	2	3	4	5
12. As desgraças dos outros não me costumam perturbar muito.	1	2	3	4	5
13. Depois de ver um filme ou um teatro, sinto-me como se tivesse sido uma das personagens.	1	2	3	4	5
14. Estar numa situação emocional tensa assusta-me.	1	2	3	4	5
15. Geralmente sou muito eficaz a lidar com emergências.	1	2	3	4	5
16. Fico muitas vezes emocionado(a) com coisas que vejo acontecer.	1	2	3	4	5
17. Acredito que uma questão tem sempre dois lados e tento olhar para ambos.	1	2	3	4	5
18. Descrever-me-ia como uma pessoa de coração mole.	1	2	3	4	5
19. Quando vejo um bom filme, consigo facilmente pôr-me no lugar do protagonista.	1	2	3	4	5
20. Tendo a perder o controlo em situações de emergência.	1	2	3	4	5
21. Quando estou aborrecido(a) com alguém, geralmente tento pôr-me no seu lugar por um momento.	1	2	3	4	5
22. Quando estou a ler uma história ou um romance interessante, imagino como me sentiria se aqueles acontecimentos se tivessem passado comigo.	1	2	3	4	5
23. Quando vejo alguém numa emergência a precisar muito de ajuda, fico completamente perdido(a).	1	2	3	4	5
24. Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse no seu lugar.	1	2	3	4	5

Não me descreve bem				Descreve-me muito bem
1	2	3	4	5

BSI (Derogatis, 1993; versão portuguesa: Canavarro, 1995)

A seguir encontra-se uma lista de problemas ou sintomas que por vezes as pessoas apresentam. Assinale, num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor descreve **o grau em que cada problema o incomodou durante a última semana**. Para cada problema ou sintoma marque apenas um espaço com uma **cruz**. Não deixe nenhuma pergunta por responder.

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
1. Nervosismo ou tensão interior.	1	2	3	4	5
2. Aborrecer-se ou irritar-se facilmente.	1	2	3	4	5
3. Pensamentos de acabar com a vida.	1	2	3	4	5
4. Ter um medo súbito sem razão para isso.	1	2	3	4	5
5. Ter impulsos que não se podem controlar.	1	2	3	4	5
6. Sentir-se sozinho.	1	2	3	4	5
7. Sentir-se triste.	1	2	3	4	5
8. Não ter interesse por nada.	1	2	3	4	5
9. Sentir-se atemorizado.	1	2	3	4	5
10. Sentir-se sem esperança perante o futuro.	1	2	3	4	5
11. Sentir-se em estado de tensão ou aflição.	1	2	3	4	5
12. Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém.	1	2	3	4	5
13. Ter vontade de destruir ou partir coisas.	1	2	3	4	5
14. Ter ataques de terror ou pânico.	1	2	3	4	5
15. Entrar facilmente em discussão.	1	2	3	4	5
16. Sentir-se tão desassossegado que não consegue manter-se sentado quieto.	1	2	3	4	5
17. Sentir que não tem valor.	1	2	3	4	5

ESCK (Schumm et al., 1986; versão portuguesa: Antunes, Francisco, Pedro, Ribeiro & Santos, 2014)

Por favor avalie o grau de **satisfação com a relação de casal que tem atualmente** com o(a) seu/sua companheiro(a):

Extremamente insatisfeito(a)	Muito insatisfeito(a)	Moderadamente insatisfeito(a)	Nem insatisfeito(a) nem satisfeito(a)	Moderadamente satisfeito(a)	Muito satisfeito(a)	Extremamente satisfeito(a)
1	2	3	4	5	6	7

1. Em que medida está satisfeito(a) com a sua relação de casal?	1	2	3	4	5	6	7
2. Em que medida está satisfeito(a) com o(a) seu/sua companheiro(a) enquanto cônjuge?	1	2	3	4	5	6	7
3. Em que medida está satisfeito(a) com a relação que tem com o(a) seu/sua companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7

ICD (Bondenmann, 2008; versão portuguesa de Vedes, 2013)

Esta escala destina-se a avaliar a forma como você e o seu parceiro(a) lidam com o *stress*. Por favor indique a primeira resposta que achar mais adequada. Seja o mais honesto possível e responda a cada item, assinalando o caso apropriado, que corresponde à sua situação pessoal.

Muito raramente	Raramente	Às vezes	Com frequência	Com muita frequência
1	2	3	4	5

Esta secção é sobre como comunica ao seu parceiro(a) o seu *stress*.

1. Deixo o meu parceiro(a) aperceber-se que eu aprecio o seu apoio prático, conselhos, ou ajuda.	1	2	3	4	5
2. Quando tenho demasiadas coisas para fazer, peço ao meu parceiro(a) que faça coisas por mim.	1	2	3	4	5
3. Demonstro ao meu parceiro(a), através do meu comportamento, quando não ando bem ou quando tenho problemas.	1	2	3	4	5
4. Digo abertamente ao meu parceiro como me sinto e que gostaria de receber o seu apoio.	1	2	3	4	5

Esta secção é sobre o que o seu parceiro(a) faz quando você se está a sentir *stressado(a)*.

5. O meu parceiro(a) mostra-me empatia e compreensão.	1	2	3	4	5
6. O meu parceiro(a) expressa que está do meu lado.	1	2	3	4	5
7. O meu parceiro culpa-me por não lidar suficientemente bem com o <i>stress</i> .	1	2	3	4	5
8. O meu parceiro(a) ajuda-me a ver situações stressantes de outra forma.	1	2	3	4	5
9. O meu parceiro(a) ouve-me e dá-me oportunidade para eu comunicar o que realmente me incomoda.	1	2	3	4	5
10. O meu parceiro(a) não leva o meu <i>stress</i> a sério.	1	2	3	4	5
11. O meu parceiro(a) dá-me apoio, mas fá-lo sem vontade e sem motivação.	1	2	3	4	5
12. O meu parceiro(a) faz coisas, que normalmente sou eu que faço, para me ajudar.	1	2	3	4	5
13. O meu parceiro(a) ajuda-me a analisar a situação para que eu consiga enfrentar melhor o problema.	1	2	3	4	5
14. Quando estou demasiado ocupado(a), o meu parceiro(a) ajuda-me.	1	2	3	4	5
15. Quando estou stressado(a), o meu parceiro(a) tende a afastar-se.	1	2	3	4	5

Esta secção é sobre como o seu parceiro(a) comunica quando ele/ela se está a sentir stressado(a)

16. O meu parceiro(a) deixa que eu me aperceba que ele/ela aprecia o meu apoio prático, conselhos, ou ajuda.	1	2	3	4	5
17. O meu parceiro (a) pede-me que faça coisas por ele/ela, quando tem demasiadas coisas para fazer.	1	2	3	4	5
18. O meu parceiro(a) demonstra-me, através do seu comportamento, que ele/ela não anda bem ou quando tem problemas.	1	2	3	4	5
19. O meu parceiro(a) diz-me abertamente como ele/ela se sente e que ele/ele gostaria de receber o meu apoio.	1	2	3	4	5

Esta secção é sobre o que você faz quando o seu parceiro(a) demonstra que está stressado(a).

20. Sou empático(a) e compreensivo(a) para o meu parceiro(a).	1	2	3	4	5
21. Expresso ao meu parceiro(a) que estou do seu lado.	1	2	3	4	5
22. Culpo o meu parceiro(a) por não lidar suficientemente bem com o stress.	1	2	3	4	5
23. Digo ao meu parceiro(a) que o seu stress não é assim tão mau e ajudo-o(a) a ver a situação de outra perspectiva.	1	2	3	4	5
24. Oigo o meu parceiro(a) e dou-lhe espaço e tempo para ele/ela comunicar o que realmente o(a) incomoda.	1	2	3	4	5
25. Não levo a sério o stress do meu parceiro(a).	1	2	3	4	5
26. Quando o meu parceiro(a) está stressado(a) eu tendo a afastar-me.	1	2	3	4	5
27. Dou-lhe apoio, mas faço-o sem vontade e sem motivação porque penso que ele/ela deveria enfrentar os seus problemas por conta própria.	1	2	3	4	5
28. Trato de coisas que normalmente seria o meu parceiro(a) fazer, para o(a) ajudar.	1	2	3	4	5
29. Tento analisar a situação conjuntamente com o meu parceiro(a) de forma objectiva, e ajudo-o(a) a compreender e a mudar o problema.	1	2	3	4	5
30. Quando o meu parceiro(a) sente que tem demasiado para fazer, eu ajudo-o(a).	1	2	3	4	5

Esta secção é sobre o que você e o seu parceiro(a) fazem quando ambos se estão a sentir stressados.

31. Tentamos lidar juntos com o problema e procurar soluções apropriadas.	1	2	3	4	5
32. Envolvemo-nos numa conversa séria sobre o problema e pensamos sobre o que tem de ser feito.	1	2	3	4	5
33. Ajudamo-nos mutuamente a colocar o problema em perspectiva e a vê-lo de outra forma.	1	2	3	4	5
34. Ajudamo-nos, um ao outro, a relaxar, fazendo coisas como massagens, tomar um banho juntos, ou ouvir música em conjunto.	1	2	3	4	5
35. Somos carinhosos um com o outro, fazemos amor e tentamos, assim, lidar com o stress.	1	2	3	4	5
36. Estou satisfeito com o apoio que recebo do meu parceiro(a) e com a forma como juntos lidamos com o stress.	1	2	3	4	5
37. Estou satisfeito com o apoio que recebo do meu parceiro(a) e considero que como casal, a forma como lidamos juntos com o stress é eficaz.	1	2	3	4	5

Muito raramente	Raramente	Às vezes	Com frequência	Com muita frequência
1	2	3	4	5

O questionário terminou. Leia, por favor, a última página, e preencha as informações solicitadas.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Preencha, por favor, o seu código
Instruções para o Código

Duas primeiras letras do seu primeiro nome + ano de nascimento + Duas primeiras letras do nome do filho sobre o qual respondeu neste estudo + ano de nascimento do filho + Duas primeiras letras do nome do pai (ou da mãe) do filho + do nome de um objecto

Exemplo:

Mariana Domingos, nascida em 1977, respondeu sobre o filho Anibal de 9 anos, nascido em 2006; o pai do filho chama-se Francisco; escolheu o objecto "envelope" : MA1977AN2006FRENVELOPE

O seu código _____

Este estudo inclui uma segunda fase de recolha de dados, a qual deverá ocorrer em 2017. Se e só se estiver interessado em participar na segunda fase, queira, por favor, deixar um contacto de endereço electrónico.

Endereço electrónico de contacto _____

Muito OBRIGADA!